



**Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**

Centro de Documentação e Informação

Coordenação de Biblioteca

**<http://bd.camara.gov.br>**

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."



Comissão de Legislação Participativa



# INAUGURAÇÃO DO PLENÁRIO ADÃO PRETTO

Um símbolo da luta por justiça social



Câmara dos  
Deputados

Brasília | 2012



**INAUGURAÇÃO DO  
PLENÁRIO ADÃO PRETTO**

Um símbolo da luta por justiça social

**Mesa da Câmara dos Deputados**  
**54ª Legislatura – 2ª Sessão Legislativa**  
**2011-2015**

**Presidente**

Marco Maia

**1ª Vice-Presidente**

Rose de Freitas

**2º Vice-Presidente**

Eduardo da Fonte

**1º Secretário**

Eduardo Gomes

**2º Secretário**

Jorge Tadeu Mudalen

**3º Secretário**

Inocêncio Oliveira

**4º Secretário**

Júlio Delgado

Suplentes de Secretário

**1º Suplente**

Geraldo Resende

**2º Suplente**

Manato

**3º Suplente**

Carlos Eduardo Cadoca

**4º Suplente**

Sérgio Moraes

**Diretor-Geral**

Rogério Ventura Teixeira

**Secretário-Geral da Mesa**

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida



**Câmara dos Deputados**  
Comissão de Legislação Participativa

## **Inauguração do Plenário Adão Preto**

**Um símbolo da luta  
por justiça social**

Solenidade de inauguração do Plenário Adão Preto, realizada pela Comissão de Legislação Participativa em conjunto com a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, em 23 de junho de 2010, no Plenário 9 da Câmara dos Deputados.

Centro de Documentação e Informação  
Edições Câmara  
Brasília – 2012

Câmara dos Deputados

DIRETORIA LEGISLATIVA

*Diretor* Afrísio Vieira Lima Filho

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

*Diretor* Adolfo C. A. R. Furtado

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

*Diretora* Maria Clara Bicudo Cesar

DEPARTAMENTO DE COMISSÕES

*Diretor* Luiz Antônio Souza da Eira

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

*Diretora* Cássia Regina Ossipe Martins Botelho

*Projeto gráfico, capa e diagramação* Paula Scherre

*Foto da capa* Claudia Barreiros

*Revisão* Seção de Revisão e Indexação

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Anexo II – Praça dos Três Poderes

Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5809; fax: (61) 3216-5810

edicoes.cedi@camara.gov.br

SÉRIE

**Comissões em Ação**

n. 1

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Inauguração do Plenário Adão Pretto : um símbolo da luta por justiça social [recurso eletrônico]. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.  
74 p. – (Série comissões em ação ; n. 1)

Acima do título: Câmara dos Deputados, Comissão de Legislação Participativa.  
Solenidade de inauguração do Plenário Adão Pretto, realizada pela Comissão de Legislação Participativa em conjunto com a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, em 23 de junho de 2010, no plenário 9 da Câmara dos Deputados.

ISBN 978-85-736-5924-5

1. Pretto, Adão, 1945-2009, homenagem. 2. Deputado federal, homenagem póstuma, Brasil. I. Série.

CDU 342.534(81)

ISBN 978-85-736-5923-8 (brochura)

ISBN 978-85-736-5924-5 (e-book)

# Sumário

<u>Membros da Comissão de Legislação Participativa – 2010</u>	<u>7</u>
<u>Membros da Comissão de Direitos Humanos e Minorias – 2010</u>	<u>9</u>
<u>Equipe Técnica da Comissão de Legislação Participativa – 2010</u>	<u>11</u>
<u>Apresentação</u>	<u>13</u>
<u>Participantes</u>	<u>15</u>
<u>Solenidade de inauguração do Plenário Adão Pretto</u>	<u>17</u>
<u>Siglário</u>	<u>73</u>

MEMBROS DA  
**Comissão de Legislação Participativa  
2010**

<b>Mesa da Comissão</b>		
<b>Presidente</b>	Paulo Pimenta	PT (RS)
<b>1º Vice-Presidente</b>	Roberto Britto	PP (BA)
<b>2º Vice-Presidente</b>	Dr. Talmir	PV (SP)

<b>Composição da Comissão</b>	
<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTE</b>
Carlos Willian – PTC (MG)	Charles Lucena – PTB (PE)
Eduardo Amorim – PSC (SE)	Fátima Bezerra – PT (RN)
Emilia Fernandes – PT (RS)	Fernando Nascimento – PT (PE)
Iran Barbosa – PT (SE)	Lincoln Portela – PR (MG)
Jurandil Juarez – PMDB (AP)	Luiz Couto – PT (PB)
Leonardo Monteiro – PT (MG)	Nazareno Fonteles – PT (PI)
Mário de Oliveira – PSC (MG)	Sabino Castelo Branco – PTB (AM)
Paulo Pimenta – PT (RS)	Waldir Maranhão – PP (MA)
Pedro Wilson – PT (GO)	
Roberto Britto – PP (BA)	
Luiz Carlos Setim – DEM (PR)	
Paulo Abi-Ackel – PSDB (MG)	
Luiza Erundina – PSB (SP)	
Sebastião Bala Rocha – PDT (AP)	
Dr. Talmir – PV (SP)	

**Secretária:** Sonia Hypolito

**Local:** Anexo II, Pavimento Superior, Ala A, salas 121/122

**Telefones:** 3216-6692 / 6693

**FAX:** 3216-6699

**Email:** [clp@camara.gov.br](mailto:clp@camara.gov.br)

## MEMBROS DA

# Comissão de Direitos Humanos e Minorias 2010

Mesa da Comissão		
<b>Presidente</b>	Iriny Lopes	PT (ES)
<b>1ª Vice-Presidente</b>	Janete Rocha Pietá	PT (SP)
<b>2º Vice-Presidente</b>	Domingos Dutra	PT (MA)
<b>3º Vice-Presidente</b>	Veloso	PMDB (BA)

Composição da Comissão	
TITULARES	SUPLENTE
Domingos Dutra – PT (MA)	Angelo Vanhoni – PT (PR)
Iriny Lopes – PT (ES)	Edson Santos – PT (RJ)
Janete Rocha Pietá – PT (SP)	Íris de Araújo – PMDB (GO)
Jurandy Loureiro – PSC (ES)	Jair Bolsonaro – PP (RJ)
Laerte Bessa – PSC (DF)	Lincoln Portela – PR (MG)
Lucenira Pimentel – PR (AP)	Luiz Couto – PT (PB)
Nelson Goetten – PR (SC)	Paulo Henrique Lustosa – PMDB (CE)
Paes de Lira – PTC (SP)	Regis de Oliveira – PSC (SP)
Pedro Wilson – PT (GO)	Sabino Castelo Branco – PTB (AM)
Suely – PR (RJ)	Dimas Ramalho – PPS (SP)
Veloso – PMDB (BA)	Marcelo Itagiba – PSDB (RJ)
Geraldo Thadeu – PPS (MG)	Marcio Junqueira – DEM (RR)
Mário Heringer – PDT (MG)	Paulo Rubem Santiago – PDT (PE)
Pompeo de Mattos – PDT (RS)	Miguel Martini – PHS (MG)

## Composição da Comissão

TITULARES	SUPLENTE
Antônio Roberto – PV (MG)	Márcio Marinho – PRB (BA)
Chico Alencar – PSOL (RJ)	Dr. Talmir – PV (SP)
	Luciana Genro – PSOL (RS)

**Secretário:** Márcio Marques de Araújo

**Local:** Anexo II, Pav. Superior, Ala A, sala 185

**Telefone:** 3216-6571

**FAX:** 3216-6580

EQUIPE TÉCNICA DA  
**Comissão de Legislação Participativa  
2010**

Sonia Hypolito  
Aldenir Áurea da Silva  
Aldo Matos Moreno  
Arthur Plá de Ávila Menezes Plates  
Cibele de Fátima Morais Rocha  
Cláudio Ribeiro Paes  
Eliana Teixeira Gaia  
Fábio de Castro Ribas  
Fabrício Lazzarini Carbonel  
Gisele Villas Boas  
Heloisa Helena Soares Abadia  
Karoline de Faria Rodrigues  
Maria das Graças da Silva  
Marilena Tavares Nunes  
Paulo Rakaloski  
Ricardo Soares Lopes

E os adolescentes:  
Alexandre Vinícius Pereira Magalhães  
Thaís Nunes Feitosa

# Apresentação

“Há uma gaita que geme e desafia a ordem, o medo, a submissão. A gaita de Adão Pretto desafia o silêncio.”

*Pedro Tierra*

Há dois anos, o Brasil e o Congresso Nacional perdiam um dos maiores defensores dos direitos dos trabalhadores do campo e da cidade. Adão Pretto, de origem do campo, dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), é referência de combatividade, de luta política e ética em seu exercício enquanto parlamentar.

Poeta e trovador, a simplicidade de Adão Pretto, por muitas vezes, surpreendeu àqueles que não acreditavam na sabedoria que emana do povo. Sua forma de luta tinha a mística da vivência com o campesinato. Forjado pela ausência de políticas públicas para o pobre do campo, somado à alta concentração fundiária a qual o Brasil é submetido, Adão Pretto é o substrato de uma luta que começou primeiro como militante das pastorais sociais da Igreja Católica, depois como dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai (RS).

Foi no MST, sendo um dos seus fundadores no estado do Rio Grande do Sul, que adquiriu a sensibilidade, misturada com a revolta e a vontade de querer um mundo mais justo e solidário. Um mundo onde a terra fosse de quem trabalha nela. Um mundo onde os pobres tivessem direitos.

A inserção do militante camponês na Câmara dos Deputados foi uma vitória de todo trabalhador e trabalhadora que fez de Adão Pretto seu porta-voz, aquele que, de fato, compreendia cada problema, por que era um igual. Como Deputado Estadual Constituinte e Deputado Federal, levou o povo à casa que é do povo, como sua utopia e sonhos. Sempre pautado pelo conjunto dos movimentos sociais, foi pioneiro em diversos projetos que defendiam o pequeno agricultor. Defendia com altivez quilombolas, indígenas, mulheres e todos que entendia serem oprimidos pelos que não privilegiam a justiça social.

Colocar o nome “Adão Preto” no plenário 9 da Câmara dos Deputados, o mesmo que abriga as mais diversas manifestações daqueles que estão na linha de frente pelos direitos humanos, trata-se de mais que uma homenagem a um grande parlamentar. É um posicionamento de que há um espaço, cuja mística envolve o sangue e o suor de tantos trabalhadores e lutadores. Traz a reforma agrária como símbolo de uma luta popular.

Adão Preto é símbolo da dignidade humana.

**Deputado Paulo Pimenta**

*Presidente da Comissão de Legislação Participativa – 2010*

# Participantes

1. Adão Preto Filho.
2. Antonio Marangon – Titular da Assessoria de Apoio Parlamentar do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).
3. Dioclécio Luz – Assessor da Câmara dos Deputados.
4. Dionilso Marcon – Deputado Estadual do Rio Grande do Sul.
5. Dom Tomás Balduino – Presidente de Honra da Comissão Pastoral da Terra.
6. Guilherme Cassel – Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário.
7. João Edegar Preto – Representante da família do Deputado Federal Adão Preto.
8. João Paulo Rodrigues – Representante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).
9. Luci Choinacki – Ex-Deputada Federal.
10. Pedro Tierra – Escritor.
11. Rosângela Cordeiro – Coordenadora Nacional do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).
12. Selvino Heck – Assessor Especial do Gabinete do Presidente da República.
13. Sérgio Sauer – Professor da Universidade de Brasília (UnB).

# Solenidade de inauguração do Plenário Adão Preto

Foto: Leonardo Prado



(Da esquerda para a direita) Sr. Edegar Preto, Dep. Iriny Lopes, Dep. Paulo Pimenta, Dom Tomás Balduino e Sr. João Paulo Rodrigues.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Convido todos os presentes a tomarem os seus lugares para que possamos dar início a esta solenidade.

Boa noite a todos e a todas. Agradeço a cada um a presença e declaro aberta a cerimônia de inauguração do Plenário Adão Preto, promovida pela Comissão de Legislação Participativa (CLP) e pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados, em atendimento à Resolução nº 18, de 2010, da Câmara dos Deputados, originada dos Projetos de Resolução nº 150/09, de autoria do Deputado Beto Faro, do Partido dos Trabalhadores (PT) do Pará, e 152/09, de autoria do

Deputado Eduardo Amorim, do Partido Social Cristão (PSC) de Sergipe, e subscrito por mais de 40 Parlamentares.

Primeiramente, teremos uma atividade cultural mística, em seguida a fala dos integrantes da Mesa, o descerramento da foto do companheiro Adão Preto e, finalmente, será aberta a palavra a todos os presentes que quiserem fazer as suas manifestações.

Convido para compor a mesa dos trabalhos a Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, Comissão que utiliza este plenário e que é parceira da Comissão de Legislação Participativa nesta solenidade. Convido Dom Tomás Balduino, da Coordenação Nacional da Comissão Pastoral da Terra da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Convido João Paulo Rodrigues, da Direção Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Convido ainda o nosso querido amigo Edegar Preto, filho do Deputado Adão Preto, representando toda a sua família, para compor a mesa junto conosco.

A SRA. ROSÂNGELA CORDEIRO – *(Início fora do microfone.)* ... que com certeza ele está aqui no nosso meio como sempre esteve: no meio do povo, no meio da luta dos trabalhadores, mas, nesta Casa, faziasse muito presente o companheiro Adão Preto.

Natural de Coronel Bicaco, Rio Grande do Sul, e criado em Miraguai, no Rio Grande do Sul, Adão Preto foi pequeno agricultor. Iniciou a sua militância política nas Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, e na Comissão Pastoral da Terra (CPT). Foi Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai e fundador da Central Única dos Trabalhadores (CUT) Celeiro. Ajudou a fundar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, MST, no Rio Grande do Sul.

(Não identificado) – Em 1986, foi eleito Deputado Estadual Constituinte pelo PT gaúcho. Presidiu a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Violência no Campo na Assembleia Legislativa e liderou a bancada estadual do PT. Em 1987, recebeu o Prêmio Springer, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, como Deputado Destaque. Em 1991, assumiu o primeiro mandato de Deputado Federal no Congresso Revisor, de 1991 a 1994. Foi reeleito em 1995 e reconduzido em 1999 e 2003, cumprindo o seu quinto mandato na Câmara dos Deputados.

A SRA. ROSÂNGELA CORDEIRO – Diversos projetos de lei voltados ao desenvolvimento da agricultura nacional e à defesa dos pequenos agricultores são de autoria do petista, entre eles, o Projeto do Seguro

Agrícola Nacional; o que impõe tarifa a produtos agrícolas importados com subsídio na origem; o de isenção de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para veículos usados para o transporte da produção rural; o que cria fundo para rádios comunitárias e a emenda à Constituição que determina que propriedades nas quais sejam localizados produtos transgênicos sejam desapropriadas para reforma agrária. Pretto foi Relator da proposta que cria uma nova política pesqueira nacional.

(Não identificado) – Apresentou projetos que garantem vagas no ensino superior para filhos de agricultores e que mudam os critérios dos chamados índices de produtividade. Também são de sua autoria projetos que destinam verbas para o Fundo Nacional de Habitação por Interesse Social.

Trovador, o petista estava sempre presente com a sua gaita nos encontros, lutas e mobilizações do povo trabalhador do campo. É autor dos livros *Poesia e cantos do povo*, publicado pela Editora Vozes em 1981, e *Queremos reforma agrária*, pela Editora Vozes, 1987.

A SRA. ROSÂNGELA CORDEIRO – Adão Pretto foi membro titular da Comissão de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural e suplente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. Foi Coordenador do Núcleo Agrário do PT e membro da Frente Parlamentar da Terra. Em 2008, presidiu a Comissão de Legislação Participativa e fez do espaço um verdadeiro lugar de ação do povo.

(Não identificado) – Adão Pretto participou ainda de diversas missões oficiais enquanto Deputado Federal. Em 2000, visitou vários países europeus para o debate sobre o comércio internacional e política agrícola e agrária. Ainda naquele ano visitou Portugal a fim de conhecer o seu sistema de reforma agrária a convite da Confederação Nacional de Agricultura. Em 2001, participou da II Assembleia Latino-americana de Mulheres Rurais e do III Congresso Latino-americano de Organizações do Campo, na Cidade do México, e do Encontro Hemisférico de Luta contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), em Havana, Cuba. Em 2006, compôs a Jornada Internacional sobre a Legislação para o Controle do Tabaco, na Argentina; e, em 2007, integrou o Parlamento Latino-Americano.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Quero mais uma vez cumprimentar todos os presentes nesta solenidade. Na medida do andamento dos trabalhos, vamos registrar as presenças das Sras. e Srs. Parlamentares e dos representantes de entidades.

Saúdo o Sr. Guilherme Cassel, Ministro do Desenvolvimento Agrário, que muito nos honra com sua presença. Com certeza, a presença de V.Exa. é motivo de orgulho para todos.

Quero muito rapidamente dizer aos senhores que, quando assumi a Presidência da Comissão de Legislação Participativa no início deste ano e houve a primeira reunião de trabalho, definimos as questões e os desafios prioritários para a Comissão, entre eles recuperar o direito da Legislação Participativa de poder apresentar emendas ao Orçamento. A querida amiga Sonia Hypolito, nossa Secretária Executiva, em nome de quem quero saudar todos os integrantes da equipe da Comissão de Legislação Participativa, apontou um desafio para que pudéssemos resolver, uma questão que estava encravada na Casa desde fevereiro do ano passado, quando foi, pela primeira vez, proposta esta homenagem ao colega Adão Pretto que, por motivos vários, estava perdida dentro dos escaninhos e das diversas gavetas que existem no Parlamento.

De lá para cá, outros Parlamentares faleceram e rapidamente receberam homenagens, alguns deles, inclusive nome de plenário, mas a homenagem a Adão Pretto sequer conseguia ser aprovada na reunião da Mesa para que pudesse ir ao plenário.

Vários Parlamentares, entre eles alguns que estão presentes, e destaco a Deputada Iriny Lopes, somaram-se num grande esforço em que, inclusive no plenário, passamos a cobrar, de maneira sistemática, uma solução para a questão. Creio que foi fundamental, Sonia, toda a mobilização e esforço para que conseguíssemos aprovar na Mesa e, posteriormente, no plenário esta homenagem, que possibilitou que pudéssemos todos estar aqui, especialmente nas Comissões de Direitos Humanos e Minorias e de Legislação Participativa, o que tem todo um significado pela sua importância, pela forma como aborda especialmente a temática dos movimentos sociais, a luta pelo campo e pela justiça social no nosso País.

Por isso, hoje é um dia muito importante para todos nós, pois pela primeira vez um espaço do Parlamento brasileiro recebe o nome de um trabalhador, de um lutador, de um filho do povo, para que o seu nome e a sua trajetória possam inspirar todos, especialmente aqueles que ocupam este espaço, no caso, a Comissão de Direitos Humanos, a Comissão de Legislação Participativa e todos aqueles que a partir de agora terão também, no simbolismo desta homenagem, como referência e homenagem permanente, a história e a trajetória do nosso companheiro Adão Pretto.

Quero saudar e pedir para que faça parte da Mesa o Deputado Marco Maia, Primeiro Vice-Presidente da Casa, que deverá chegar em breve, e convidar a Deputada Iriny Lopes para fazer a sua saudação em nome da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Casa.

A SRA. DEPUTADA IRINY LOPES – Boa noite a todos. Cumprimento os Parlamentares presentes na pessoa do companheiro Presidente da Comissão de Legislação Participativa, Deputado Paulo Pimenta; o Sr. Ministro Guilherme Cassel, os religiosos, na figura do querido Dom Tomás; os militantes de todos os movimentos presentes, na figura de João Paulo, e os familiares do companheiro Adão na figura do Edegar.

Antes de tomar a palavra, estava pensando o que há para dizer sobre o Adão; como abordar uma figura baixinha, mas tão grande; uma pessoa, mas de uma dimensão que muitos só passaram a tê-la depois que ele passou para o outro plano. Ele foi para o andar de cima e nos deixou.

Estava vendo as fotos do outro painel, duas das quais ainda estão aqui.

Vice-Presidente Marco Maia venha para a Mesa. O Presidente da Mesa já havia feito o convite, mas V.Exa. ainda não estava na sala.

As outras fotos mostram sempre um Adão sorridente, ativo, com o olhar sempre para frente e com uma disposição de luta que contagiava a todos. Para mim, continuou a contagiar quando olhei as fotos, quando cheguei ao plenário, bem antes de começar este ato.

O primeiro sentimento que temos, quando um companheiro nosso parte, principalmente uma pessoa jovem ainda, que tinha muita coisa a fazer, é de vazio, de perda, de tristeza. Mas hoje, olhando as fotos do Adão, o meu sentimento é outro e acho que poderia ser o de todos nós. No lugar do vazio, fica o ensinamento, as lições, a coragem, a determinação, o incentivo a nunca darmos trégua à luta pela sociedade que queremos e defendemos, de homens e mulheres iguais; uma sociedade sem discriminação, com liberdade, com justiça.

Portanto, o ensinamento de uma pessoa que nos passa isso não pode mais dar lugar para a tristeza; tem que caber aquilo que ele nos passa: confiança na nossa luta, disposição para continuarmos, a certeza de que nenhum de nós é eterno mas que o que fazemos aqui contribui, soma, articula, congrega.

Só mesmo Adão para trazer tantas pessoas que não víamos há tanto tempo numa sala como esta hoje. Há pessoas aqui de todos os lugares do Brasil. Não há só gaúchos ou pessoas que estão morando em Brasília; há

gente de São Paulo, do Maranhão, do Piauí, do Ceará, de Santa Catarina, do Paraná. Já encontrei com tantos companheiros que não víamos há muito tempo!

Esse é o sentimento com o qual estou hoje e um sentimento de orgulho de um companheiro que exerceu não só a sua luta dentro do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, combatendo pela terra, mas também combatendo contra o preconceito daqueles que não querem a divisão da terra. Algumas questões estão no campo da Economia, outras estão no campo da Cultura, no campo do Direito.

E Adão não só foi um bravo militante dos movimentos e das lutas sociais, mas também um grande Parlamentar. Não é qualquer pessoa que exerce um mandato por vinte anos com o mesmo pique, com a mesma vontade, com iniciativas permanentes, atuando dentro de uma Comissão em que a correlação de forças é absolutamente desigual, como é a Comissão de Agricultura desta Casa. Desigual para aqueles que defendem a reforma agrária, desigual para aqueles que têm na segurança alimentar o objetivo da sua disputa ali. Às vezes, Adão ficava bravo, ficava nervoso, mas ele nunca desistiu.

Um dia eu falei com ele ali, naquele cantinho: “Você agora vai ser Presidente da Comissão de Legislação Participativa, porque estamos concluindo a discussão na Liderança e na bancada do PT. E, para a composição das Comissões da Casa, o PT apresentou nomes; o seu é um deles. Não tive tempo de avisá-lo sobre isso”. Sabem qual foi a primeira reação de Adão? “Eu não posso sair da Comissão de Agricultura”. Vejam o compromisso dele! Quantos Parlamentares, desses 513, almejam, sonham, desejam presidir uma Comissão? E Adão conquistou a indicação, mas a primeira preocupação dele foi a de não poder sair da Comissão de Agricultura, “porque a voz dos pequenos tem de ter representação lá”, disse ele.

Esse é o testemunho real de que há pessoas que não estão aqui para disputar o seu espaço, mas para garantir o pensamento de um pedaço enorme da nossa população que precisa ter voz aqui dentro. E, pela palavra de Adão, essa voz nunca faltou.

Vou encerrar dizendo a vocês que tenho a honra de presidir pela segunda vez a Comissão de Direitos Humanos, que ocupa o Plenário 9 do corredor de Comissões da Câmara. É uma Comissão em que Adão atuou. Quando ele veio para a nossa Comissão, eu era Presidente, em 2005. Adão disse: “Eu queria constituir uma subcomissão que pudesse trabalhar a questão da violência no campo”. A subcomissão foi consti-

tuída, e Adão trabalhou muito, recebendo demandas do Brasil inteiro e demandando a Comissão para que ela respondesse a cada questão colocada sobre a mesa.

Depois, Adão não ficou mais na nossa Comissão, foi cuidar de outras Comissões. E nos reencontramos na militância cotidiana dos direitos humanos, quando Adão assumiu a Presidência da Comissão de Legislação Participativa. Eu não estava na Presidência da Comissão, mas, a partir dali, um conjunto de ações foram desenvolvidas articuladamente e se transformaram, de lá para cá, numa tradição das duas Comissões.

Eu, enquanto estiver no exercício da Presidência da Comissão de Direitos Humanos, bem como os que vierem e todos os membros da Comissão de Direitos Humanos, daqui para a frente, durante os trabalhos aqui no Plenário 9, seremos inspirados e orientados pelos olhos azuis do companheiro Adão Pretto, que estarão ali, como uma luz para nós, lembrando-nos de que, quando nos sentamos nesta cadeira, quando nos posicionamos, quando fazemos um pronunciamento, quando apresentamos um projeto de lei ou quando votamos, não estamos nos representando; estamos aqui com um papel tão decisivo quanto o dos movimentos: de fazer a luta por uma sociedade justa, igualitária, fraterna, solidária, à qual se dedicou Adão Pretto do primeiro ao último dia da sua vida.

Para nós, é uma honra sermos presididos permanentemente pela figura do Adão, que estará à cabeceira da Presidência, nos dizendo “olhem o rumo, não saiam dele, persistam, porque seremos vencedores.”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Muito obrigado, Deputada Iriny Lopes.

Saúdo mais uma vez o nosso 1º Vice-Presidente da Casa, Deputado Marco Maia, e registro a presença do Deputado Fernando Ferro, Líder da bancada do Partido dos Trabalhadores; da Deputada Luiza Erundina, ex-Presidenta da Comissão de Legislação Participativa, que participa desta solenidade; do Deputado Anselmo de Jesus, companheiro do Partido dos Trabalhadores; do Deputado Dr. Rosinha, do PT do Paraná; da Deputada Luciana Genro, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) do Rio Grande do Sul; da Deputada Janete Rocha Pietá, do PT do Estado de São Paulo; do Deputado Chico Alencar, do PSOL do Rio de Janeiro; da Deputada Emília Fernandes, do PT do Rio Grande do Sul; do Deputado Paulo Teixeira, do Partido dos Trabalhadores de São Paulo; do Deputado Assis do Couto, do PT do Paraná; do Deputado Dr. Talmir, Vice-Presidente da Comissão de Legislação Participativa, do Partido Verde (PV) de São Paulo; do Deputado

Fernando Marroni, do PT do Rio Grande do Sul; do Deputado Luiz Sérgio, do PT do Rio de Janeiro, ex-Líder da nossa bancada. Vamos citando, no decorrer da audiência, outros Parlamentares e Lideranças presentes.

Quero mais uma vez agradecer a presença do Ministro Guilherme Cassel e fazer uma referência muito especial à presença do Deputado Estadual Dionilso Marcon, do Rio Grande do Sul, grande companheiro de trabalho e de luta do Deputado Adão Pretto.

Saúdo também neste momento a presença de Selvino Heck, Assessor Especial da Presidência da República, que teve a honra de compor a primeira bancada de Deputados Estaduais eleita pelo Partido dos Trabalhadores, em 1986, junto com nosso companheiro Adão Pretto. Saúdo o companheiro Pedro Tierra (Hamilton Pereira), Assessor da Presidência da República.

E, encerrando esse primeiro bloco de citações, quero também fazer referência ao ex-Deputado Federal, outro grande companheiro de batalha do nosso companheiro Adão Pretto, Antonio Marangon. Eu sempre brinco com o Marangon dizendo que naquela campanha de 1986 nosso partido tinha umas dobradas muito sólidas. Nós éramos naquela época de um grupo que fazia a campanha do Tarso e do Fortunati, e tínhamos uma dobrada muito forte no Estado, que era Adão Pretto e Marangon.

O SR. DEPUTADO MARCO MAIA – Vocês eram a Esquerda naquela época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Nós éramos bem a Esquerda naquela época. Hoje em dia nós estamos na linha do Ministro Guilherme Cassel, e o Marangon...

O SR. DEPUTADO MARCO MAIA – O Marangon era da Direita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Eu vou dizer que eu, o Guilherme e a Luciana estávamos juntos nessa época. Estava todo o mundo no mesmo barco.

Cumprimento o companheiro Antonio Marangon – nada, rapaz, hoje é dia de festa! – e o Presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Rolf Hackbart, a quem agradeço a presença e que nos honra aqui com a sua palavra.

Passo, de imediato, a palavra ao Deputado Marco Maia, 1º Vice-Presidente da Casa.

O SR. DEPUTADO MARCO MAIA – Muito obrigado, Deputado Paulo Pimenta, Presidente da Comissão de Legislação Participativa.

Saúdo a Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, o Sr. Edegar Pretto, filho do Deputado Adão Pretto, Dom Tomás Balduino, Coordenador Nacional da CPT, da CNBB, e o Sr. João Paulo Rodrigues, da Direção Nacional do MST.

Boa noite a todos. Na condição de Vice-Presidente da Mesa da Câmara dos Deputados, quando há uma solenidade com a participação de Parlamentares, costumamos citar o nome de todos os Deputados. Mas, como são muitos aqui, e o Deputado Paulo Pimenta já o fez, sintam-se todos os Parlamentares aqui cumprimentados. A Deputada Iriny brincava comigo, agora há pouco, Edegar, ao dizer que só o Adão para juntar essa velha guarda toda aqui do nosso movimento social, do nosso partido, todos companheiros históricos com muita trajetória de luta.

Mas, na verdade, companheiros e companheiras, quero ressaltar a iniciativa tomada por alguns companheiros aqui dentro da Câmara dos Deputados de propor, com o apoio do querido Deputado Paulo Pimenta e da Deputada Iriny Lopes, à Mesa Diretora da Câmara dos Deputados uma homenagem ao companheiro Adão Pretto, atribuindo o seu nome a este Plenário.

É óbvio que nós queríamos, Edegar, que o Plenário da Comissão de Agricultura levasse o nome dele. E nós chegamos a trabalhar essa possibilidade. Mas o debate aqui seria tão forte em relação a esse tema e essa possibilidade, que nós achamos que era uma questão menor, pelo tamanho do Adão Pretto, entrar num debate dessa natureza com alguns setores dentro da Câmara dos Deputados.

Portanto, trabalhamos, discutimos e resolvermos fazer com que este plenário que ele presidiu, em função das suas características e dos debates que são realizados aqui – que trata da participação do nosso povo no Parlamento, que discute os direitos humanos e o direito das minorias que eram tão bem defendidos pelo companheiro Adão Pretto –, levasse o seu nome, em homenagem à sua luta, ao seu trabalho, ao seu compromisso com a luta do povo brasileiro.

Quero dizer, em especial, Edegar, que fico muito emocionado com esta homenagem que nós aqui estamos fazendo, porque coube a mim, na Mesa Diretora da Câmara dos Deputados, debater, junto com o Deputado Odair Cunha, a aprovação dessa resolução na Mesa da Câmara. E lá, depois de dialogar, de discutir, de falar sobre a importância e a história de Adão Pretto, todos os integrantes da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados aprovaram, por unanimidade, com o relatório do Deputado

Rafael Guerra, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) de Minas Gerais, a indicação do nome de Adão Pretto para este plenário.

Para mim, é motivo de orgulho, de satisfação, por ser conhecedor e gaúcho, saber da história do Adão e ter aprendido muito com o Adão. Talvez a minha geração seja um pouquinho depois da geração do Adão. Quando comecei a luta, o Adão já estava há muito tempo na peleia, fazendo ocupações, reivindicando terra, organizando o povo trabalhador no Estado do Rio Grande do Sul, demonstrando que se conquista por meio da luta e organizando a luta para as conquistas que os nossos trabalhadores do campo e da cidade tiveram no Estado do Rio Grande do Sul. Portanto, para mim, é uma satisfação e um enorme orgulho.

Aproveito a oportunidade para contar uma passagem. Eu e o Adão, nos últimos anos, morávamos no mesmo bairro, na cidade de Canoas. E nós brincávamos dizendo que aquele era o bairro do País que tinha mais Deputados por metro quadrado, porque havia dois Deputados que moravam a cerca de duas quadras um do outro. E nós frequentávamos a mesma igreja. Nós íamos no domingo, ou nos encontrávamos no sábado à noite, quando dava tempo, quando não estávamos viajando para o interior, na mesma igreja. Mas o Adão dizia sempre “Olha, Marco, eu, na verdade, sou mais esperto do que ti no que diz respeito a essa coisa de ir à missa”, porque eu ia menos do que ele à missa, é verdade, e, quando chegava, ia sentar à primeira fileira, lá na frente, para ficar mais próximo do padre, dos sacristãos, dos coroinhas. Sentava-me na primeira fila; era o primeiro banco. Chegava mais cedo, inclusive, para sentar lá, e o Adão chegava depois, quando a missa já estava lotada, e ficava sentado na última fileira, atrás, na missa. E, quando terminava a missa, que eu me levantava, eu olhava para o Adão e estava o Adão lá atrás. Todo o mundo passava por ele, ele cumprimentava a mão de todo mundo, na passagem, e eu ficava sozinho, lá na frente, sem ter ninguém para cumprimentar. E o Adão dizia “Marco, nisso, eu sou mais esperto do que ti, porque eu fico lá atrás para poder cumprimentar todos os que estão saindo da missa”.

Mas esse era o Adão, alguém que construía a sua história, a sua luta, os movimentos sociais com muita alegria, felicidade, e se sentia muito bem fazendo o papel que ele fazia aqui na Câmara dos Deputados e o papel que ele fazia na luta que realizava no Estado do Rio Grande do Sul e pelo País, organizando os nossos agricultores.

Como ele bem dizia, “Um pé no Parlamento e outro pé na estrada”. É um pé na luta e outro pé no Parlamento. Esse era o lema. Por onde se

andava, no Estado do Rio Grande do Sul, estava estampado na camioneta do Adão, no carro, nos seus materiais esse dizer. Ele tinha um pé no Parlamento, porque entendia que a institucionalidade era um espaço importante de construção da luta social, mas ele tinha na luta do povo, no trabalho que ele realizava na base, na forma como ele conduzia a sua atuação junto aos movimentos sociais, o seu maior papel. Ali ele dava mais importância; ali ele se fazia mais presente. Ali, o Adão Preto fazia, efetivamente, a diferença.

Por isso nós nos orgulhamos enormemente de ter convivido esses anos todos com nosso companheiro de luta, de guerra, chamado Adão Preto, aqui no Parlamento brasileiro e nas lutas lá pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Quero também, Edegar, dizer que nós vamos fazer, na Feira do Livro – se tudo correr bem –, no final deste ano, em novembro, o lançamento do perfil parlamentar do Adão Preto, um livro que vai contar a história do Adão Preto, produzido pela Câmara dos Deputados. Muitos dos senhores já estão sendo inclusive entrevistados. Essa foi uma decisão, um encaminhamento que eu fiz, junto com o Deputado Odair Cunha e a Mesa Diretora da Câmara dos Deputados. É a primeira vez que a Câmara dos Deputados vai produzir um perfil de um Parlamentar, de um Deputado, com uma entrevista desses moldes, ouvindo as pessoas, construindo a lógica da sua história a partir dos depoimentos que os amigos, os parceiros, os companheiros de luta dão em relação à figura do Adão Preto.

E quis, por ironia do destino, que, ao ser aprovada a proposta aqui na Câmara dos Deputados, ao ser encaminhada, coubesse a realização ao Sr. José Araújo, um dos nossos consultores legislativos da Casa, mas também à Ana Luíza Backes – levante o seu braço aqui, Ana –, que é filha da Enid Backes; a nossa companheira Enid, fundadora da CUT, dirigente sindical por muitos anos no Estado do Rio Grande do Sul, que tem a responsabilidade de produzir esse material.

Então na Feira do Livro, se tudo correr bem, faremos o lançamento dessa publicação da Câmara dos Deputados, que conta a história do Adão Preto, o perfil, o trabalho realizado pelo Adão Preto dentro da Câmara dos Deputados e na luta social espalhada por este País.

Era isso o que eu queria dizer a vocês.

Tenho a convicção de que, ao homenagear o Adão Preto, neste momento, dando a este plenário o nome de Plenário Adão Preto, estamos aqui contando e resgatando um pouco dessa história belíssima de um

homem que dedicou a sua vida à luta do povo trabalhador do campo e da cidade, do Estado do Rio Grande do Sul e do nosso País.

Muito obrigado, gente. Viva Adão Pretto, viva a sua luta, viva a sua história!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Obrigado, Deputado Marco Maia.

Quero aqui registrar a presença da ex-Deputada Luci Choinacki, do PT de Santa Catarina, colega Deputada Federal do companheiro Adão Pretto e fundadora do MST. Quero saudar aqui também o Vereador Márcio Pilger, Vice-Presidente da Câmara Municipal de São Jerônimo, no Rio Grande do Sul; o Sr. Raul Krauser, do Movimento dos Pequenos Agricultores; a Sra. Juliana Miranda, Coordenadora-Geral do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, da Comissão de Direitos Humanos.

Registro a chegada do Deputado Ivan Valente, que está aqui presente, Deputado do Estado de São Paulo, que também participa desta solenidade.

Dando sequência às manifestações, convido para fazer uso da palavra o nosso querido Dom Tomás Balduino, que fará aqui a sua saudação e manifestação.

O SR. TOMÁS BALDUÍNO – Minha saudação ao Deputado Paulo Pimenta, Presidente da Comissão de Legislação Participativa, Presidente deste ato extraordinário de reconhecimento da memória e da ação de Adão Pretto; a todos os Deputados, Ministros, companheiros da terra, a meu irmão Dom Ladislau, Presidente da CPT Nacional.

Adão Pretto foi um gigante. Achamos extraordinário essas figuras aparecerem assim na trajetória da humanidade. Um gigante dentro de uma roupagem pequena, mas um gigante, e um homem que estava no lugar certo, na hora certa. Pena que cessou. Era um pouco solitário, no mundo do núcleo agrário, e findou.

Achei bonita essa mística, a canora de canto, de violão, porque expressa o indizível, assim como a poesia trata do inefável. E nós temos, nesse mundo do Adão Pretto, algo inefável. Só mesmo a poesia, a mística, o canto, a gaita podem expressar adequadamente, isto é, abrindo para um horizonte imenso. Eu considero esse horizonte de ressurreição. Nós estamos aqui vivenciando um momento real, teologicamente real do Adão Pretto, que é de ressurreição. Foi inevitável. As resistências aqui não conseguiram barrar que chegássemos a este momento. Era para ser um espaço maior. Mas, falando aqui com o Deputado Paulo Pimenta,

está de bom tamanho, para uma semente. O que importa, no reino dos céus, não é o gigantismo; muitas vezes, é a pequenez da sementinha, a menor de todas, do pouco fermento, o menor de todos, da lâmpada e da mecha que fumega. Isso está presente. Isso é, a meu ver, ressurreição.

Agora estou interessado nesse perfil. Vamos ver o que vai sair do nosso companheiro. É importante. O que vai dar sequência é isso aqui. É uma memória que se não pode esquecer. Como dizia Leonardo Boff, a comunidade eclesial é *ante et retro occulata*, tem um olho na frente e um olho na memória. Porque se anima. Isso não é passadismo, não é retrocesso. Pelo contrário, é se animar.

O cristianismo vive de memória: “Fazei isso em memória de mim”. Isso nos dá energia.

Eu fico me perguntando como esse homem chegou a esta Casa, um lavrador, homem da terra, do chão, da poeira. É um milagre, não é? Acho que só mesmo um milagre. É difícil. Vamos tentar colocar, por exemplo, um representante dos quilombolas aqui. É difícil. Não entra. Não é desfazendo dos companheiros e companheiras, mas as estruturas não são para isso. Deveria ser assim: um representante dos povos indígenas, dos ribeirinhos, das quebradeiras de coco, quem sabe. O exemplo de Adão Pretto acena para isso. Mas, assim como ele lutou tanto aqui, nós vemos que isso aqui é uma disputa ferrenha.

Falou-se aqui em desigualdade na correlação de forças. Adão Pretto estava em desigualdade com as forças que se foram consolidando aqui, sobretudo agora com o agrohidronegócio. Deus me livre.

Então, eu gostaria de deixar marcado o que eu estou sentindo, o que está no meu coração, a força incontida nessa memória, nessa caminhada. Se não é aqui, é fora daqui. E ninguém vence ou detém o sopro, o fluxo.

Eu terminaria nessa linha, lembrando a poesia que está em cima da mesa, de Thiago de Mello: *Madrugada da esperança*. É o que nós estamos vivendo neste momento. Diz ele: “Faz escuro, mas já nem tanto, porque a manhã já vai chegar”.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Muito obrigado, D. Tomás Balduino, pela sua manifestação.

Registro a presença do Roberto Reis, da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça; da Vereadora Fátima, do Município de Novo Tiradentes, também prestigiando esta atividade; do Cleberson Carneiro,

Secretário-Executivo do Ministério da Pesca e Aquicultura; do Fernando Matos, Diretor de Defesa dos Direitos Humanos, da Presidência da República; do Rogério Neuwald, assessor da Diretoria da Companhia Nacional de Abastecimento; da Carolina Ribeiro, Coordenadora-Executiva do Interverzes, aqui em Brasília.

Faço uma saudação muito especial ao nosso companheiro Valter Pomar, do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores, que aqui representa a Direção Nacional do nosso partido; ao Prof. Sérgio Sauer, da Universidade de Brasília (UnB), que tem toda uma história, uma trajetória ligada ao companheiro Adão Pretto; à Rita Zanotto, da Via Campesina Internacional; à Clarice dos Santos, Coordenadora de Educação no Campo e Cidadania do Incra; à Eliana Graça, assessora do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc); ao Willian Clementino da Silva Matias, Secretário de Política Agrária da Confederação nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag); à Sueli Belatto, da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça; ao José Leal, Coordenador de Pesca Artesanal Continental do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA); ao João Dias, Diretor de Planejamento e Ordenamento do Ministério da Pesca; à Lizete Marques, Chefe da Secretaria Executiva da Empresa Brasileira de Comunicação; ao Rolf Hackbart, Presidente do Incra; ao Abrahão Patrini Júnior, Inspetor de Fiscalização do Banco Central, que veio de Curitiba, Paraná, participar desta atividade.

Comunico que o Líder Deputado Fernando Ferro necessitou ausentar-se da reunião.

De imediato, passo a palavra ao João Paulo Rodrigues, para, em nome da Direção Nacional do MST e dos demais movimentos sociais presentes, fazer uso da palavra.

O SR. JOÃO PAULO RODRIGUES – Boa noite, companheiros e companheiras.

Cumprimento o Presidente Paulo Pimenta; o Sr. Edegar; todos os familiares do companheiro Adão que aqui se encontram; todos os militantes dos movimentos sociais; os representantes das igrejas e das organizações que aqui se encontram; os dirigentes da Via Campesina que aqui estão, e os Deputados que conviveram com o camarada Adão Pretto.

Cumprimento também o Ministro Guilherme Cassel e o companheiro Rolf Hackbart, Presidente do Incra.

Quero externar a alegria e a emoção que nós, do MST, sentimos ao participar deste ato, primeiro, pelo que representa o Adão na construção do MST ao longo de 25 anos, não só por ter sido um dos principais fundadores e ter participado, ao longo do tempo, da construção desse movimento, mas, acima de tudo, pelas qualidades que apresentou o Adão militante do povo brasileiro. Mais do que ser um militante do MST, foi um militante da causa da reforma agrária, um companheiro que se dedicou, durante toda a sua vida – como diria Bertold Brecht, era daqueles imprescindíveis – à luta em defesa dos interesses da classe trabalhadora, dos interesses dos movimentos do campo e da cidade. E isso representa uma coerência imprescindível, que destacamos no Adão.

Adão foi um daqueles militantes que, durante toda a sua vida, não perdeu de vista o enfrentamento dos grandes desafios da luta de classes. O Adão sempre teve muito claro a que lado pertencia e o que tinha que defender. E aqui, no Congresso, muitas vezes, foi daqueles militantes companheiros que, quando houve certos conflitos, nos quais muitos de nós, da direção do movimento, ainda não sabíamos o que havia acontecido – por exemplo, na ocupação da fazenda do Fernando Henrique Cardoso –, o Adão Preto saiu aqui, sem saber de nada, em defesa do MST. Depois é que foi perguntar o que aconteceu, diferentemente de muitos outros, que muitas vezes ficam com dúvidas: “Não sei, talvez, provavelmente”. O Adão nunca teve dúvidas sobre os compromissos políticos e o lado que ele defendia nesses desafios.

Por isso, chegar hoje ao Congresso Nacional e encontrar o nome de Adão Preto para nós é muita alegria.

Passava outro dia pela Bahia e via escolas, estradas e rodovias, tudo com o nome dos Magalhães. E dizia: “mas será possível que não vamos conseguir ter o nome de um companheiro como Adão além dos assentamentos e acampamentos?” E hoje estamos realizando esse feito, D. Tomás. Para nós, é uma grande alegria poder realizar essa homenagem ao camarada Adão Preto, por tudo a que ele se dedicou.

Eu pessoalmente tive oportunidade de morar dois anos com Adão Preto aqui em Brasília. Convivi com ele nos dias em que ele estava aqui. Ele é desses militantes que transformou o apartamento funcional – vou falar baixo – em alojamento dos militantes sociais que passavam por aqui. Eu fui um desses que veio para Brasília e não tinha casa onde morar e que teve oportunidade de ficar na casa de Adão Preto.

Convivia com ele três dias por semana e conheci de perto essa figura que tinha uma clareza impressionante sobre a conjuntura, sobre os grandes temas que envolviam a reforma agrária, sobre os desafios que estavam colocados. Convivemos também com esse Adão que era uma espécie, brincávamos, de Deputado nacional. Ele não era um Deputado só do Rio Grande. O Adão era um Deputado dos baianos, dos camponezes do Pará, do Nordeste e assim por diante. Há até um fato inusitado: quando ele chegou à Bahia, o pessoal achou que, por ser chamado Adão Preto, era um negrão. Quando o viram, disseram: “Mas esse é o Adão?” Esse fato saiu numa rádio nossa na Bahia, num assentamento. Ele sempre contava essa história.

Então tive essa oportunidade de conviver pessoalmente com a figura do Adão. Para mim é muita alegria ter essa oportunidade de estar com vocês nesta homenagem.

Quero concluir dizendo que o Adão está fazendo muita falta, porque precisamos, num momento como este, de militantes como ele, que, ao longo da luta de massa da década de 80, construiu instrumentos como o PT, a CUT, o sindicalismo brasileiro, o MST e que nesta hora nos faz falta. Fazem-nos falta, Frei Sérgio, que conviveu com ele, essas referências que possam ajudar a nossa juventude neste momento de crise e de dificuldades. Faz falta o Adão – e temos saudades dele –, por sabermos que ainda vamos ter muitos desafios na luta pela reforma agrária neste País. O Adão faz-nos falta neste Parlamento pela sua liderança e pelo carisma.

Não tenham dúvida de que vamos continuar com esse legado de Adão Preto por muito tempo, sem perder de vista o que ele dizia: “Um pé na luta, outro no Parlamento”. Acho que os ensinamentos e o exemplo de Adão extrapolam o Congresso Nacional e vão extrapolar esta sala, porque, no nome desta sala, Sr. Presidente, não está só Adão Preto, está toda a conquista que o povo teve nos assentamentos, nos acampamentos. Mais do que isso, estão aqui representados mais de 1.400 trabalhadores rurais assassinados nos últimos 20 anos, como em Eldorado do Carajás e em uma série de outros massacres a que Adão compareceu, esteve presente, assim como muitos outros Parlamentares.

Estamos hoje dando um grande salto, não só aqui no Congresso Nacional, mas também na sociedade, um grande salto em defesa dos trabalhadores e em defesa do povo brasileiro. Deixo o abraço do MST e da Via Campesina aos familiares e, acima de tudo, a esta Comissão, nesta nova sala dos trabalhadores rurais.

Muito obrigado e um abraço a todos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Muito obrigado, companheiro João Paulo.

Neste primeiro semestre, tivemos a oportunidade de realizar audiência pública na Comissão de Legislação Participativa para debater a criminalização dos movimentos sociais do País, da qual participaram o Prof. Sérgio Sauer e também o nosso companheiro João Pedro Stedile.

Naquela oportunidade, o João Pedro nos desafiou a preparar um projeto de lei propondo que o Governo Federal, através do Incra, exercesse o direito de preferência na compra de toda terra que seja penhorada e vá a leilão. Isso impediria que grandes negócios ocorressem. Se uma terra foi penhorada e foi a leilão, nada mais justo que tenha finalidade social e que se impeça que outro grande proprietário detentor do capital vá lá e adquira essa área.

A Sonia e o Cláudio, da nossa equipe na Comissão de Legislação Participativa, durante esse período, fizeram todo um trabalho a respeito dessa matéria, e nós protocolamos hoje o Projeto de Lei nº 7.535, de 2010, tratando exatamente disso. Sempre que um imóvel rural for penhorado, nos termos da Lei nº 5.869, o Código de Processo Civil, o órgão fundiário federal terá preferência na aquisição do bem. Cumpre ao leiloeiro encaminhar ao órgão federal o edital do leilão, a fim de que se exerça, no prazo de 30 dias, o direito de preferência, ficando suspensa, nesse período, a realização do leilão. Depois temos aqui toda a justificativa do trabalho que foi desenvolvido.

Na medida em que convido para fazer uso da palavra o nosso companheiro Edegar Pretto, entrego a ele também esse projeto de lei, que é uma homenagem da nossa Comissão. Tenho certeza de que vamos fazer um debate bastante importante e forte nesta Casa.

Convido, então, o companheiro Edegar Pretto, em nome da família, dos amigos e dos companheiros de Adão Pretto, para que possa fazer a sua manifestação.

O SR. EDEGAR PRETTO – Boa noite, companheiros. Saúdo todos vocês que vieram aqui.

Quero saudar a Mesa, na pessoa do companheiro Paulo Pimenta, Presidente da Comissão de Legislação Participativa, que teve a tarefa de continuar o importante trabalho que meu pai desenvolveu na Presidência desta importante Comissão. Ele se orgulhava muito de poder

anunciar aos companheiros de nosso Estado: “Eu virei Presidente de uma Comissão na Câmara Federal”.

Eu, que sempre estive junto com os meus irmãos do lado dele, fiquei imaginando que para meu pai não seria fácil, porque sei que, na Comissão, o Presidente tem que ler muito, apresentar nomes. E ele não era muito dado a ler, principalmente o sobrenome das pessoas. E ele surpreendeu inclusive a nós. Ele foi um grande sucesso como Presidente desta Comissão que V.Exa., Deputado Paulo Pimenta, agora preside.

Quero saudar a Deputada Iriny Lopes, valorosa companheira que sempre estive ao lado de meu pai nas horas boas e ruins. Ele sempre dizia: “Existem companheiros e companheiros. Tem companheiro que é bom na hora de comer o churrasco, mas na hora de lavar o espeto, que é difícil, sobram poucos”. E a Deputada Iriny Lopes foi, para o meu pai, uma dessas grandes companheiras das horas boas e das horas ruins. Lavava o espeto também.

Saúdo o Deputado Marco Maia, 1º Vice-Presidente do Congresso Nacional, gaúcho, vizinho do meu pai. Eram grandes amigos de caminhada, de campanhas e de lutas no nosso Rio Grande do Sul.

Saúdo o companheiro João Paulo Rodrigues e, em seu nome, cumprimento todos os companheiros lutadores sociais que aqui estão, de várias partes do Estado, de vários segmentos, da nossa Via Campesina. Eu e o companheiro João Paulo Rodrigues estivemos, no ano passado, no Estado do Rio de Janeiro. Fomos receber, em nome de milhares de trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, o título de Cidadão do Rio de Janeiro concedido a Adão Pretto. Um dos Estados mais importantes do nosso País aprovou, por unanimidade, essa grande honraria, o título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro para o meu pai. Estivemos lá juntos.

Saúdo D. Tomás Balduino, que também sempre foi uma fonte de inspiração para a luta de meu pai, e em seu nome saúdo todos os religiosos e representantes de pastorais que aqui estão. Queria poder, companheiros e companheiras, dizer o nome de todos vocês que estão aqui. Todos são importantes.

Em nome dos Deputados que citei aqui, saúdo os demais Deputados. Sei que as agendas estão cheias, num final de dia como hoje, e vieram aqui. Quero, do fundo do meu coração, agradecer a todos.

Cumprimento o Ministro Guilherme Cassel e o Sr. Rolf Hackbart, Presidente do Incra, dois grandes companheiros, que conviveram muito com Adão Pretto, meu pai, nas horas boas e também nas horas ruins.

Nós todos vivemos no passado – e vivemos ainda – junto com ele e com tantos outros, grandes angústias. Nós todos imaginávamos que, se elegêssemos um dia o Presidente Lula, a reforma agrária seria café pequeno, seria um canetaço do Presidente, para tirar a terra dos fazendeiros que não plantavam e dar aos sem-terra. Isso, do jeito que sonhávamos, não aconteceu, e todos nós aqui sabemos por que ainda não aconteceu.

Em nome dos companheiros gaúchos que aqui estão, e são muitos, quero saudar o companheiro Marcon, que é Deputado Estadual, e o companheiro Marangon, que foi Deputado Estadual e Deputado Federal, dois parceiros, dois grandes amigos do meu pai, que trilharam por muitos anos os caminhos e as estradas do nosso Rio Grande do Sul.

Está aqui também, companheiros, a Clarice, que foi chefe de gabinete do meu pai por um bom tempo. Ela veio do Rio Grande do Sul para acompanhá-lo nesta Casa. Está aqui o companheiro Nilton, o Cristiano, a Mayrá, a Marinete, a Sonia, que acompanhou o pai aqui na Comissão. Em nome dela, quero saudar os demais integrantes da equipe, cada companheira e cada companheiro que conviveu com o meu pai aqui.

Estou aqui representando a nossa família. Sou um dos nove filhos que o Adão Pretto teve. Junto comigo estão a Helena, o Luís e o Adãozinho. Os outros não puderam vir: o Adelar, o Artur, a Jandira, a Elaine e a Gabriela, uma turma grande; somos nove. Estou aqui, companheiros e companheiras, mas poderiam estar aqui no meu lugar tantos outros companheiros que estão hoje nos acampamentos, nos assentamentos, tantos companheiros que estiveram ao lado do meu pai, lutando pela democratização das rádios comunitárias, pelos índios, pelos negros, pelos quilombolas, pelos pescadores, por gente com pouca terra, gente sem terra, cada um, e muitos deles, milhares, poderiam estar aqui, porque eles também estão sendo homenageados neste dia, recebendo, honrosamente, o nome do Adão Pretto na Comissão de Direitos Humanos e Minorias.

Estive, naquele dia, companheiras e companheiros, no Rio de Janeiro, recebendo aquela homenagem, o título de Cidadão do Rio de Janeiro, e o que eu disse lá tenho feito questão de dizer, Deputado Paulo Pimenta, em todo lugar onde posso. Eu disse que as conquistas que a luta do Adão Pretto possibilitou a milhares de companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras rurais e urbanos, no nosso Estado e nos outros

Estados brasileiros, acho que são menores do que o grande legado que ele deixou para todos nós. Ele quebrou, na minha opinião, o maior preconceito, que uma pequena parte dos brasileiros, os 5% mais ricos do nosso País, sempre tentou colocar na cabeça dos pobres. Sempre disseram para nós que não adianta eleger um pobre para ocupar um cargo importante, porque ele se corrompe, ele se vende, ele passa para o outro lado. Tenho dito que Adão Pretto ocupou cargos importantes por tanto tempo, companheiros, e não passou para o outro lado, não se corrompeu. Em certos momentos, mesmo tendo só a 3ª série, foi mais competente que muitos que estudaram a vida toda, mas que, quando puderam usar seu conhecimento, usaram para si e não para o nosso povo. Acho que foi esse o grande legado que ele deixou para cada um de nós que estamos aqui e tantos outros que não estão.

Quando o meu pai faleceu, na primeira semana, eu vim para cá, junto com a Helena, minha irmã, para dar os primeiros encaminhamentos a todas as questões e angústias que ficaram para nós. E, na frente do gabinete que era do meu pai, em que agora está a Deputada Emília Fernandes, eu me encontrei com um trabalhador que estava fazendo a limpeza do chão. E ele, não sei se pela aparência, perguntou: “Você não é parente do Adão Pretto?” E eu disse: “Sou filho”. Ele me deu um abraço e disse: “Olha, o Adão Pretto esteve aqui tantos anos, e ele nunca parecia um Parlamentar. Ele parecia um dos nossos. Ele era um trabalhador como nós”. E eu disse para ele: “O Adão Pretto, meu pai, era justamente isso, um trabalhador que estava aqui com uma grande representação”.

Nunca recuou, companheiro João Paulo, um milímetro, nunca vacilou um minuto e sempre teve muito bem claro de que lado ele tinha que estar e quem ele estava representando nesta Casa.

Então, esta homenagem é uma grande honra para todos nós, companheiros. Quero compartilhar esta homenagem, em que estou aqui representando a nossa família, com todos vocês que estão aqui.

Quando meu pai se elegeu Deputado Estadual, o companheiro Marangon era candidato a Deputado Federal. Estão aqui alguns que foram colegas dele e outros também que foram Deputados Estaduais. Na Assembleia Legislativa, existem quatro elevadores para as pessoas visitarem os Parlamentares e, como em todas Assembleias Legislativas, há um elevador que só os Deputados podem entrar. Durante semanas, quando ele foi eleito, ele ia entrar no elevador dos Deputados e a ascensorista di-

zia que ele teria de pegar o elevador dos visitantes, pois só os Deputados podiam entrar naquele. Isso porque ele não tinha jeito de Parlamentar.

Depois, alguns colegas dele, numa tentativa de intimidá-lo, diziam: “Adão Preto, aqui não é lugar de plantar feijão nem de plantar milho; aqui é lugar de fazer lei”, porque sabiam que ele tinha a 3ª série. E ele nunca se intimidou por causa disso.

O primeiro projeto de lei que ele fez foi o de seguro agrícola, que virou lei no nosso Rio Grande doze anos depois, quando o companheiro Olívio Dutra foi nosso Governador. Hoje, infelizmente, acabou o seguro agrícola em âmbito estadual, mas o Presidente Lula o implementou em âmbito nacional. Hoje existe uma lei que assegura esse direito aos nossos agricultores, assim como o direito da mulher e o da aposentadoria especial. Todas essas foram bandeiras que ele trazia de forma muito clara junto com ele.

Esse agricultor que se elegeu Deputado Estadual foi Deputado Federal por cinco mandatos consecutivos, esteve nesta Casa por dezoito anos. E são justamente seus bons exemplos um rastro fundo para continuarmos lutando.

Tenho dito, companheiras e companheiros, que a melhor forma de homenagearmos Adão Preto, esse colono da mão grossa, é continuarmos fazendo o que ele fez. No nosso País, já foi feita uma revolução na área do ensino depois da eleição do Presidente Lula, mas há ainda 16 milhões de brasileiros que não sabem ler nem escrever. Há irmãos nossos que são discriminados pela cor da pele; há pescadores perdidos nos cantos do nosso País. Agora estão sendo reconhecidos, mas não eram reconhecidos como categoria. Negros e quilombolas precisam da nossa ajuda para se organizarem e terem conquistas. Então a melhor forma de homenagearmos Adão Preto é continuarmos fazendo o que ele fez: lutar e organizar o povo.

Teria muito mais a dizer a cada um e a cada uma de vocês. Na nossa família, porque quis assim a vida, D. Tomás Balduino, perdemos também neste ano a nossa mãe, que faleceu. Perdemos no ano passado Adão Preto, nosso pai, e neste ano a nossa mãe. Mas eles deixaram para nós muitos exemplos. E um deles, que o pai sempre falava para nós, é que temos de ser humildes, simples, mas não podemos ser fracos. É por isso que eu e meus oito irmãos continuamos essa luta.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Quero convidar o Adãozinho – Adão Pretto –, que também vai fazer aqui uma homenagem.

Enquanto o Adãozinho vem à frente, saúdo o Deputado Pedro Wilson, outro grande amigo de Adão Pretto que está aqui participando desta atividade.

O SR. ADÃO PRETTO (Adãozinho) – Boa noite a todos e a todas. Quero aproveitar este momento e prestar minha homenagem também, declamando uma poesia que conta um pouco a história de nosso pai. A poesia se chama *A estrela que brilha*:

“Vou falar de um companheiro que nunca fugiu da peleia  
De energia e bom exemplo a sua vida era cheia  
Justiça, luta e honestidade corriam em suas veias  
Na mão esquerda, uma foice; na outra, uma bandeira  
vermelha  
Um homem pobre do campo gostava de um bom cultivo  
Se arrepiava ao ver a cerca de um latifúndio improdutivo  
No grito de nossa classe, estava sempre com o pé no  
estribo  
Por isso, Adão Pretto, entre nós, está sempre vivo  
Na luta da nossa gente, encontrou adversário  
Dia 18 de dezembro marcava no calendário  
Desapropriada a Fazenda Southal  
Na região, muda o cenário  
Dizia ser o maior presente que ganhou de aniversário  
Vinte e três anos de estrada  
falar desse homem eu posso  
Nos cargos que ele ocupou  
Não fez balcão de negócio  
O trabalhador organizado  
sempre foi o seu maior sócio  
Da humildade, honestidade,  
fez seu grande sacerdócio  
Na luta do nosso povo  
Fez uma grande família  
Quatro anos na Assembleia e quase 20 aqui em Brasília  
Milhares de brasileiros estão seguindo a sua trilha  
E no céu da nossa classe  
É mais uma estrela que brilha

Na morte de um grande irmão  
O povo sentiu, e eu senti  
Partiu com 63 anos  
Mas na luta era um guri  
Deixou mais de mil exemplos  
Que nós devemos seguir  
Toque a sua gaita no céu  
Que o povo segue a luta aqui  
Poesia, gaita e trova  
Para o povo pobre avançar  
Fique tranquilo, meu pai  
A luta não vai parar.”

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Convidamos, neste momento, todos para que se levantem, a fim de passarmos ao descerramento da foto do companheiro Adão Pretto.

Convido o Sr. Edegar Pretto, representante da família; o Ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel; e a Deputada Iriny Lopes para fazermos o descerramento da placa.

Saúdo e registro a presença de José Vaz Parente, da Federação Nacional dos Servidores do Incra; do Sr. Luís Antônio Pasquetti, professor da UnB e assessor de Adão Pretto em 1986.

Convido o Deputado Luiz Couto, da Paraíba; o Sr. José Sóter, Coordenador Executivo da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço) Nacional; o Sr. Paulo César Arns, do Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano; o Sr. Acácio Leite, da Diretoria da Associação dos Servidores da Reforma Agrária; a Sra. Jussara, do Sindicato dos Servidores Públicos Federais (Sindsep) – DF.

Antes de passar a palavra para as manifestações a seguir, informo que esta sessão está sendo gravada e será posteriormente transmitida pela TV Câmara.

Registro a presença do Frei Sérgio Görgen, a quem saúdo – um grande lutador pela reforma agrária e pelo campo no nosso País.

Convido Antonio Marangon para mais uma homenagem.

O SR. ANTONIO MARANGON – Presidente Paulo Pimenta, me pegaram para essa homenagem, e a gente não podia negar o estribo.

Certamente muitos vão falar da luta do Adão Pretto e de tudo o que ele representa. Nós fazíamos muitas coisas juntos, e não era só para preencher o tempo. O Adão acreditava muito – e nós debatíamos muito sobre isso – que aquilo que nós pregávamos, dizíamos, era tão importante quanto o jeito de dizê-lo. E a música era – e continua sendo – um grande instrumento de conscientização do povo.

Os senhores sabem que, nos idos de 1985, 1986, não era fácil pedir voto para o PT, mas nós tínhamos de fazer isso. Nós cantávamos, e a música sempre ajudou muito.

Então, Edegar, Luizinho, Adãozinho e Helena, vamos relembrar o momento de música que o Adão tinha presente. Nós não transformaremos a sociedade sem o auxílio da música e da cultura.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Saúdo, antes de o Antonio Marangon dar início à homenagem, os alunos do curso de dirigentes do MST, militantes dos Estados de Rondônia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Bahia e Minas Gerais, que estão no plenário, acompanhando esta sessão pelo telão.

Podíamos convidar as pessoas a se aproximarem. Se a turma que está no outro plenário quiser vir para cá, daremos um jeito de os companheiros se deslocarem um pouco mais para frente. Vamos redistribuir a ocupação do espaço para todos poderem ficar aqui, João Paulo. Vamos ocupar o Plenário 9 para todos poderem participar juntos.

Passo a palavra ao Antonio Marangon.

O SR. ANTONIO MARANGON – Vamos todos cantar. Quem souber a letra da música – acho que todos sabem – cante, por favor.

*(É executada a música Cuitelinho.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Antes de passar a palavra ao Ministro Guilherme Cassel, quero aqui transmitir em meu nome e no de várias pessoas que se manifestaram – e tenho certeza de que no nome de todos os presentes –, o abraço ao Deputado Paulo Teixeira, que recentemente perdeu um filho, um jovem lutador pela reforma agrária, assessor da luta do campo, advogado.

Tenho certeza, Deputado Paulo, de que todos os que estão aqui gostariam de te abraçar e transmitir toda a solidariedade, apoio, energia, coragem nessa luta, pela sua figura extraordinária. Transmita isso a toda a sua família. Uma salva de palmas para dar energia ao Deputado Paulo Teixeira.

Com a palavra o Ministro Guilherme Cassel.

O SR. MINISTRO GUILHERME CASSEL – Boa noite a todas as companheiras e companheiros. Cumprimento, com muito carinho, João Paulo, D. Tomás, Pimenta, Iriny, Edegar, todos os familiares do Adão, e o Marangon, que trabalha no Incra. Às vezes, atrapalhamo-nos na reforma agrária, mas na cantoria estamos bem. Cumprimento todos os Deputados e Deputadas.

Também tive a felicidade de conviver com o Adão por muito tempo, desde a época em que ele era Deputado Estadual. Fui assessor da bancada do Adão. Militamos no PT. Aqui, no Ministério, quando eu era Secretário Executivo, depois na condição de Ministro, tive convivência permanente. Não foram poucas as vezes em que o Adão me ligou às 6h dizendo: “Olha, ajuda aqui, senão nossa turma vai apanhar, porque tem polícia. Vamos entrar em campo”.

Eu vim aqui pensando o que dizer sobre o Adão. Faz um ano e meio, menos de dois anos do desaparecimento do Adão. Quando pensamos nele de fato temos saudade. Aliás, a saudade é que organiza todo o nosso sentimento a respeito do Adão. É difícil falar com esse sentimento. A melhor forma de falar sobre o Adão é contando um caso – o Adão gostava de contar caso – que a maioria dos gaúchos que está aqui conhece. Aqui há uma gauchada. Hoje de manhã, dei uma entrevista à Ana e ao Araújo, que estão fazendo o perfil do Adão, e lembrei-me da história que caracteriza muito o Adão, e é bom compartilhar com vocês.

Em 1989, 1990, estávamos em uma sessão na Assembleia Legislativa. Não sei se há algum Deputado daquela época aqui. Eu acho que a Luciana não é daquela época nem o Pimenta.

Era uma bancada pequena e boa. Erramos no plenário. Deve ter sido culpa da assessoria. Erramos lá. Tivemos uma informação errada. Estávamos levando um pau federal. Todos batiam, batiam na nossa bancada, que estava ali, quieta, naquela estratégia de esperar passar, porque pisamos na bola. Depois, um Deputado da extrema Direita, ruralista, vinculado às forças de repressão, foi à tribuna, levantou muito o tom e bateu, bateu. O Adão se encaminhou ao microfone de aparte. Não era nossa tática, mas todos ficaram olhando. O Adão pediu um aparte, olhou para o Deputado que estava lá e disse: “V.Exa. não tem nenhuma moral para nos criticar, porque o senhor e os seus andam plantando porco de paraquedas”. Todo o mundo ficou olhando. “O que é isso, meu Deus?” “É isso mesmo, estão plantando porco de paraquedas”. Bom, o sujeito afinou. Ele olhou para o Adão e disse: “Não, V.Exa. faz essas denúncias, mas

não pode provar”. E se mandou. A assessoria correu para o Adão e disse: “Adão, que história é essa de plantar porco de paraquedas?” Ele disse: “Não sei. Foi a primeira coisa que me veio na cabeça, mas esses caras estão sempre devendo alguma coisa e são sempre culpados. Na dúvida...”

O Adão era isso. O Adão era um sujeito que, na hora do entreviro, não tinha nenhuma vergonha de se expor. Era o sujeito da linha de frente. Era o sujeito do primeiro combate. Era o sujeito que não vacilava nunca. Esse era o Adão que conhecemos. Esse é o Adão de quem temos saudades. Esse é o Adão que nos faz falta. Acho que esse é o Adão que carregamos no coração.

Acho que a boa notícia desta semana é que se o Adão durante muito tempo foi muito inconveniente para muita gente nesta Casa, agora o Adão veio, chegou e chegou para ficar. Ninguém mais tira o Adão daqui. Por isso, estamos de parabéns. Bem-vindo, companheiro.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Passo a palavra ao Deputado Paulo Teixeira.

O SR. DEPUTADO PAULO TEIXEIRA – Cumprimento a Mesa, os Presidentes Iriny Lopes, da Comissão de Direitos Humanos, e Paulo Pimenta, da Comissão de Legislação Participativa; Edegar Pretto; D. Tomás Balduino; João Paulo Rodrigues; Rolf, do Incra; Guilherme Cassel, Ministro do Desenvolvimento Agrário; Deputados, Deputadas, todos os presentes nesta sessão.

Estive com o Adão no dia 28 de dezembro, na casa dele, em um churrasco. Eu e o Nilton fomos conversar sobre o Brasil, sobre a reforma agrária. No final do churrasco, fui até o quintal. Ele tinha ali uma horta com alface, tomate. Naquele espaço, havia uma roça. Naquele pequeno espaço, ele cultivava suas raízes com o campo. E tivemos uma conversa muito importante.

Hoje, quero falar um pouco do significado do Adão Pretto para mim.

Adão Pretto tem um enorme significado na história do Brasil. Quero recuperar alguns aspectos desse significado. Ele foi um militante cristão de base que chegou ao Parlamento brasileiro. Ele representou toda uma história da igreja progressista do Brasil, da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base, do despertar da consciência, da participação na comunidade, da participação política, da participação no movimento, até chegar ao Parlamento brasileiro e representar aqui, com

muita dignidade, como se disse aqui, sem mudar de lado, um grande compromisso com a reforma agrária.

Em segundo lugar, ele representou a história dos trabalhadores rurais. A história da política dos trabalhadores rurais é uma história de antes do Golpe de 64. Tínhamos uma lacuna na história brasileira da participação política dos trabalhadores rurais. O Adão veio representar no Parlamento brasileiro – ele, a Luci e outros – os trabalhadores rurais e os seus movimentos, a luta pela terra, a luta pela reforma agrária, a luta para o assentamento, pelo desenvolvimento do assentamento. Enfim, ele também teve um papel na história do Brasil, na luta dos movimentos sociais pela reforma agrária.

Um terceiro aspecto que ele representou foi a participação política dos trabalhadores no partido político, como candidato, eleito Deputado Federal, Presidente de Comissão, polêmico nesta Casa. Ele não fugia da briga. O Adão fazia disputa cara a cara, não fugia das disputas, inclusive daquelas em que a corrente estava contra. Ele abria e fazia o enfrentamento.

Portanto, neste momento, quando ele se foi, em janeiro de 2009, deu uma enorme tristeza em todo mundo. Lembro-me que fui no gabinete, naquela noite, com a Sonia e nós articulamos no sentido de filmar o gabinete, porque acho que deveria ter um filme da vida do Adão, as bandeiras, as fotos, toda a história que rodeava aquele gabinete, aquela saudade que batia como “açó de navalha”, tal como dizia a música, “o coração fica aflito, uma bate, a outra falha”. Então, “faia”, quando faltam essas pessoas. E eu sempre procurei o significado da falta dele, eu sempre senti que está faltando alguma coisa neste Parlamento, porque nenhum de nós, com o maior esforço que possamos fazer, consegue substituí-lo com a grandeza na luta pela reforma agrária e algumas lutas que ele encampou. Hoje tem um enorme significado. Hoje tem uma resposta. Qual é a resposta para essa outra dimensão, que D. Tomás chamou da ressurreição, e a Deputada Iriny disse que ele passou para o lado superior? Quando a gente percorre os corredores da Casa da democracia, do Parlamento brasileiro, passa-se pela Comissão onde tem o Florestan Fernandes, e se pensa na educação, tem o Milton Santos, e se pensa nos de baixo, na população negra. Não haverá democracia plena no Brasil se não tiver reforma agrária. E o Adão incorporou, nos corredores da Casa da democracia, a questão de pensar cotidianamente, de transformar o Brasil, distribuindo a terra, que é uma dívida da História do Brasil.

Portanto, D. Tomás, a sala não é pequena, é o tamanho do que pensamos para todo o povo brasileiro, do lote, da área para se roçar. Daqui sairão as grandes ideias para construirmos cada dia mais uma sociedade democrática, includente, igualitária, fraterna, capaz de colocar na mesa 190 milhões para desfrutar da riqueza do Brasil. A figura do Adão, para mim, é a figura da agricultura, da colheita, da distribuição, da generosidade, da festa e da alegria.

Portanto, ele está aqui entre nós. A partir de hoje, nós vamos sempre colocar a questão da reforma agrária não como uma questão menor, uma questão que vamos defender no final do jogo, não, mas como uma questão central, porque o Adão está presente a nos lembrar.

Viva o Adão!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Com a palavra nossa amiga Luci Choinacki, ex-Deputada, militante do movimento social, na luta pela reforma agrária, fundadora do MST. A palavra está a sua disposição.

A SRA. LUCI CHOINACKI – Companheiras e companheiros, talvez vocês não saibam o sentimento de amor e gratidão que eu tenho por essa figura. Vivemos coisas que só quem estava junto poderia dizer. Falar, contar história de longe é uma coisa, mas viver, estar presente é muito importante.

Não vou cumprimentar essa maravilhosa Mesa, mas vou dizer rapidamente o que estou sentindo. Anteontem, dia 21, estava numa reunião no interior, e recebi o comunicado de que iria ter esta homenagem. Aí, alguém que está trabalhando comigo agora me perguntou se eu viria. Eu disse: “que dúvida. Essas coisas não se duvida, estou indo. Dá um jeito para eu ir. Não sei como, mas eu vou.” E, no dia seguinte, no Município de Água Doce, estava eu no assentamento – local pelo qual brigamos para assentar 257 famílias –, e o companheiro, contando a história do Movimento dos Sem-Terra, falou sobre a falta que Adão Preto faz no Congresso Nacional. Disse que sentia minha falta também e que haviam perdido... “Não perdemos”, eu disse. Contei a ele que, no dia seguinte, participaria de uma homenagem a Adão Preto e que iria lembrar do que falavam naquele momento.

Portanto, Adão Preto está presente, está no coração daqueles que o conheceram e daqueles que amam a reforma agrária e o País. Ele não está ausente, porque eu trouxe para cá o sentimento que havia naquela reunião e que me deixou muito feliz, mas que também me traz responsabilidade social com o País.

Muitas vezes as vozes se silenciam, amedrontadas por algum fazendeiro, quando a terra precisa ser desapropriada e há a possibilidade de conflito, ou mesmo quando há perda de votos. Isso também acontece. Todos sabem. Não podemos falar.

Paulo Teixeira, muito obrigada pelo carinho, pela deferência e pela generosidade. A generosidade não tem preço. Sabemos o que significa ser generoso: reconhecer os outros. Muito obrigada.

Fui parceira.

Em uma entrevista, contei que nós sentávamos, no Núcleo Agrário, para fazer o mapa do Brasil. À época, não está mais aqui o homem do Incra, o Rolf estava na assessoria, e nós fazíamos o mapa do Brasil. Não era assim, Clarice? O mapa do Brasil. Não era o mapa do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, mas do Brasil, para saber onde havia conflitos de terra, onde havia problema social e se precisávamos botar o pé na estrada. Não pensávamos se íamos perder votos ou não. Eu digo muitas vezes que a pessoa não tira bunda do lugar porque tem medo de perder sua próxima eleição. O Adão Preto – D. Tomás sabe tão bem quanto eu – botava o pé na estrada. Quantas vezes nos encontramos nos mesmos lugares em que era necessário estar, principalmente no final do “governinho” do FHC. Era um “governinho”. Todos sabem o tipo de “governinho” que foi. Nós passamos quatro anos viajando pelo País e livrando nosso povo que era preso por perseguição política. Não foi isso, João Paulo? Era assim que fazíamos.

Ninguém perguntava quanto custava ou o que significava. Mas significava ter consciência política, porque a mudança estava acontecendo e precisava haver lideranças de coragem e de fibra para andar, viajar, sem medo de enfrentar pistoleiros, jagunços ou o que for. Isso Adão e eu fazíamos juntos.

Sinto-me contente por ter sido parceira e por ter vivido momentos tão difíceis junto a Adão Preto, porque, nesta Câmara – é verdade, Paulo Teixeira – é difícil entrar alguém da roça. Há aqueles que vêm da roça, mas dos fazendeiros. Aqueles que a vida inteira mandaram no País. Mas alguém que vem do cabo da enxada, da foice, da construção, do semear, do plantar, é muito difícil. Nós sofremos preconceito dentro e fora do PT.

O Adão sofreu, eu sofri e continuo sofrendo. Mas isso não vai nos derrotar nunca. Estamos aqui presentes. Não vão nos derrotar. Podem escrever isso. Somos mais fortes. Quem vem da terra vem com força, pois somos nós quem botamos comida na boca de tantos brasileiros e

brasileiras. Sem a terra ninguém vive. Podem fazer o que quiserem, mas a comida é parte da vida.

Vou contar duas histórias que aconteceram com Adão Pretto. Primeiro, nós viajamos. Do nosso Núcleo Agrário, tiramos algumas pessoas. Adão Pretto, Gerson Teixeira, eu e mais duas ou três pessoas fomos à Europa conhecer a agricultura e discutir o comércio internacional. Na época, Fernando Henrique estava nos entregando aos Estados Unidos, fazia acordos com a Alca e destruía a economia do País. Fomos ver como era a história.

Estávamos na França. A comida é bem diferente da nossa, e o Adão Pretto inventa comer churrasco. Fomos procurar o churrasco. E encontramos uma churrascaria, mas não era o churrasco do Rio Grande do Sul. Tínhamos que achar o churrasco para comer e matar a vontade. Essas histórias da figura carinhosa e da cultura que ele não deixou de levar, respeitando os outros, mas levando junto, foi muito importante.

Começamos junto com Pedro Cheira a construir a reforma agrária. Pedro Cheira foi nosso candidato a Deputado, na época da Constituinte, e ajudou a pensar projetos de reforma agrária. A gente o conheceu nessa lida. Quando entrei, vi a cuia do chimarrão e hoje falei para alguns: havia um só gabinete no meio de nós dois, era um gabinete próximo. Volta e meia eu estava indo para o plenário e dava uma paradinha no gabinete para tomar uma cuia de chimarrão e trocar ideias sobre o que cada um fez no final de semana, viajando para os seus Estados ou pelo Brasil. Era assim que a gente construía as relações, não só na política, mas no carinho, no respeito entre a gente e o povo brasileiro.

Adão, sei que tu vais ter de fazer muito verso para nós. Continue fazendo. Está aqui representado pela sua família, que deixou um legado igualzinho a ele. Que força, que poder! Continuem fazendo, mas nunca desviem do caminho, porque o Adão era grandioso, mas humilde e generoso. É isso que a gente leva conosco e não ter um mandato para achar que pode pisar nos outros. A generosidade, o carinho, a humildade são valores que não temos como dimensionar. Adão Pretto trazia isso com ele.

Por isso minha gratidão, meu carinho a sua família, a todas as lideranças, a Iriny, ao Paulo Pimenta, que puxaram esta sessão de homenagem, pelo fato de esse espaço ser marcado para sempre aqui dentro. Do coração do povo brasileiro ele nunca sairá, bem como dos nossos assentados e das nossas lideranças, porque nunca vamos deixá-lo morrer.

Um grande abraço, com alegria e gratidão eterna. Se Deus quiser, ano que vem estaremos neste plenário, Adão, brigando. Tu vais me ajudar, porque preciso de você.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Quero registrar a presença do Laerte Meliga, que foi Chefe de Gabinete do nosso Governador Olívio Dutra.

Quero combinar com o plenário e os presentes no sentido de agilizarmos, para os inscritos poderem fazer seus registros.

O próximo inscrito é o Dr. Talmir, nosso colega Deputado do PV de São Paulo.

O SR. DEPUTADO DR. TALMIR – Boa noite a todos e aos familiares do Deputado Adão Pretto. Edegar, a gente se sente muito feliz de ver você com toda sua família aqui. Foi muito bom estar com o Deputado Adão Pretto, quando ele foi Presidente desta Comissão, da qual agora preside o Deputado Paulo Pimenta. Na ocasião, fui Vice-Presidente da Comissão. A Sonia está aqui nos olhando. Levante a mão, Sonia, para todo mundo te ver. Ela não via a hora de estarmos juntos nesta noite tão feliz. Todos nós, Parlamentares, sabemos que, numa semana como esta, num horário como este, rarissimamente temos um plenário tão cheio de pessoas que vibram tanto com este importante momento.

Parabéns Deputado Paulo Pimenta; parabéns, Deputada Iriny Lopes, que preside a Comissão de Direitos Humanos! Na ocasião, eu participava da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, quando o Deputado Luiz Couto era Presidente. Fomos a uma missão no Pontal do Paranapanema, minha região. Inclusive, a Deputada Janete Pietá foi junto. Lá visitamos todos os acampamentos e assentamentos com o Zelito, o Laércio.

Sentimos essa presença do Deputado Adão Pretto. Lá está o Padre João Pereira, que é do CEBs e sempre falava do Deputado Adão Pretto, D. José Maria Libório Saracho, Presidente da Comissão da Pastoral da Terra do Estado de São Paulo, junto com D. Tomás Balduino. Hoje, não podemos deixar de dizer, D. Tomás, que ontem, dia 22, foram comemorados 35 anos de CPT. É uma feliz coincidência esta homenagem ao Deputado Adão Pretto.

João Paulo Rodrigues, aqui vemos o MST de Pontal do Paranapanema. Ainda há muita garra para a luta de todos os bispos que têm passado por lá: D. Maurício Grotto de Camargo, D. Benedito, que é de Paracatu

e está constantemente acompanhando. Nossa região é considerada a de maior conflito agrário do mundo, pelo menos pela mídia.

Sabemos que o Deputado Adão Preto lá se faz presente. Quando fazemos nossas romarias pelas terras e pelas águas, tenho certeza de sua presença com as pessoas que estão na luta há 35 anos, pela CPT, ou há 25 anos, pelo MST. Por ser Parlamentar daquela região, fico muito feliz por tê-lo conhecido. Hoje, comentei com Sonia que, toda vez que o via, me lembrava da minha mãe. Nós somos da roça do sul de Minas. Minha mãe tem esse olhar que o pai de vocês tem, paterno e materno, em defesa da mãe terra. Não à violência, mas sim à defesa da mãe terra, que nos proporciona tantas coisas boas!

O Deputado Adão Preto, Edegar, não fez de seu mandato uma profissão, mas uma missão, que começou na sua luta anterior à vida parlamentar. Temos certeza de que sua missão pelos diversos Brasis se tornou eterna. Este quadro seu é simbólico. Espiritualmente ele está muito presente. Emociona todos nós este gesto tão lindo, com a presença de pessoas tão queridas. Sueli, da Comissão Brasileira Justiça e Paz da CNBB, lembra coisas lindas do Deputado Adão Preto. São tantas pessoas queridas pensando assim.

Parabéns ao Edegar e a todos. Tenho certeza de que vale a pena participarmos desta luta contínua. Nós a manteremos, independentemente de onde estivermos, e o Deputado Adão Preto está e estará conosco.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Muito obrigado, Deputado Dr. Talmir.

Concedo a palavra a Selvino Heck, Assessor da Presidência da República, que fez parte da primeira bancada de Deputados Estaduais eleitos pelo Partido dos Trabalhadores, em 1986.

Logo em seguida, ouviremos a Deputada Janete Rocha Pietá.

O SR. SELVINO HECK – Meus caros Deputados Paulo Pimenta e Iriny Lopes, D. Tomás, João Paulo, Edegar, família de Adão, companheiros e companheiras, militantes, lideranças, “Selvino Hecks, Raul Ponts, Zé Fortunatis”, era essa a saudação, quando subia à tribuna, Hamilton, que Adão fazia para nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – “Selvino Hecks, Raul Ponts”.

O SR. SELVINO HECK – “Selvino Hecks, Raul Ponts, Zé Fortunatis”. Até hoje, quando eu e Raul, especialmente, nos encontramos, inevitavelmente nos lembramos dessa forma de saudar que tinha para nós.

Aquilo que o Ministro Guilherme Cassel falou é outra parte desta história. O Deputado Azambuja o provocava na tribuna. Luciana o conheceu também. O Deputado Azambuja era de Bagé, na época, do Partido Democrático Social (PDS), e sentava perto de nós – a bancada do PDS e a nossa. Numa dessas, começou a provocar especialmente o Adão. Azambuja era latifundiário, defensor intransigente do lado deles. Provocava a uns dois metros de distância o Adão. Lá tínhamos, como o Ministro Guilherme já disse, um pedestal, que era móvel. Tinha uma espécie de cimento embaixo para segurar o microfone. Era o que a gente tinha na frente da bancada. O Adão não aguentou. Ele era esquentado, não é Edegar, às vezes? Bom esquentamento, por sinal. E pegou aquele negócio e começou a ir para cima do Azambuja. Pegou e ia para cima. Ia bater no Azambuja. Para a sorte dele e nossa sorte eu estava ao lado dele ou logo atrás dele – sentávamos sempre juntos na bancada – e o segurei: “Adão, está louco? Tu vais ser cassado! Não tem jeito”. Aí, conseguimos segurar o Adão e ele se acalmou. Mas esse era o Adão na defesa da luta do campo, dos trabalhadores sem-terra, de todos os trabalhadores que precisavam de um apoio permanente.

Eu acho que conheci o Adão pessoalmente em 1985. Marangon lembrou antes, nosso Maranga, como a gente o chamava. Fomos lá no Seminário de Três Passos – Sérgio estava junto, eu acho –, dos Franciscanos, para conversar com Adão para a entrada dele no PT. Isso foi em 1985 e, em 1986, nós nos elegemos Deputados.

Então, são essas histórias todas que deixam a gente muito emocionado numa hora dessas. Em 2006, Edegar, meu último voto foi para o Adão, para Deputado Federal e para o Marcon, Deputado Estadual. Em 2006, eu dizia: “Adão, quando tu fores na minha terra, Venâncio Aires, interior do interior do Rio Grande do Sul, onde minha família trabalha na roça, tu vais um dia lá e visita. Passa lá. Tu passas, necessariamente, na frente. Dá uma entradinha lá para cumprimentar a família.” Aí, um dia, com aquela caminhoneta dele, já referida aqui, ele passou lá, entrou na propriedade da minha mãe e dos meus irmãos, começou a olhar, cumprimentou um, cumprimentou outro, não sei o quê. Aí, outro dia, eu cheguei lá – eu já estava por aqui – e meu irmão disse: “Ah, chegou um cara aqui que eu não sei bem quem era e tal. Mas acho que era o

Adão Preto.” Depois fui perguntar para o Adão se era ele quem tinha ido lá e tinha sido ele. Foi lá, cumprimentou todo mundo e não fez questão de dizer: “Olha, eu sou Adão Preto, Deputado Federal, etc.” Esse era Adão Preto. Chimarrão, o canto, a trova, a poesia, a luta. Era sempre ele quem estava presente no meio de nós. E é por isso que essa homenagem é uma homenagem que vem de todos nós e do fundo do coração.

Viva Adão Preto!

Adão Preto presente!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Deputada Janete Rocha Pietá.

A SRA. DEPUTADA JANETE ROCHA PIETÁ – Bom, quero saudar a Mesa, Deputados Paulo Pimenta, Iriny, nossos companheiros, representando as duas Comissões: de Legislação Participativa e de Direitos Humanos.

Quero saudar, D. Balduino, pois na sua fala foi muito importante lembrar Leonardo Boff, o olhar atrás e na memória. Convivi com Adão por dois anos. E nós tínhamos horário marcado. E aí eu quero dizer para a família, à Helena que eu não conheço, e ao Edegar, ao Adãozinho, que declamou, toda a família Preto, que, em primeiro lugar – também sou fundadora do PT –, quando eu ouvia falar em Adão Preto eu pensava que ele era preto. Na verdade, ele era, na medida em que ele lutava pela terra e também pelos quilombolas.

Eu convivi com Adão Preto durante o “dar como lido”. Aliás, eu queria sugerir que fizessem um levantamento do “dar como lido” dessa Casa. Foi ali que convivi com Adão Preto. Ele sempre estava junto com Anselmo, com o pessoal da Comissão Agrária dizendo: “Mas não tem jeito, não tem jeito, essa lida tá difícil, mas nós não arreda pé. A nossa força, nós vamos continuar.” Todo dia o Adão Preto dava como lido um caso, seja ele um caso de denúncia da questão do quanto estava sendo explorado o pequeno agricultor no Rio Grande do Sul.

Eu me inscrevi apenas para dizer que nele eu tinha a presença do movimento; ele era aquela pessoa simples, com aqueles olhos tão expressivos, um azul tão profundo e ao mesmo tempo tinha as mãos calejadas, mãos daquele que não perde a dimensão do nosso planeta, da terra.

Então, Marangon, gostaria também que você cantasse aquela música *Naquela mesa está faltando ele*, porque na verdade naquele plenário, no “dar como lido”, quando conheci o Adão Preto, está faltando ele, estão

faltando as denúncias, está faltando o cotidiano do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, da Via Campesina e da voz do trabalhador rural.

Muito obrigada, Adão Preto, por ter convivido com você!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Companheiro Pedro Tierra.

O SR. PEDRO TIERRA – Boa noite a todos.

Eu me inscrevi porque acho que em momentos como este que vivemos tratamos de duas coisas: de memória e de invenção.

Saúdo o Deputado Paulo Pimenta, a Deputada Iriny Lopes, o Edegar Preto, o Tomás Balduino que acompanhou a vida do Adão durante muito tempo, o João Paulo Rodrigues e as companheiras e companheiros que o Adão reuniu aqui com a sua família. Nós somos a parcela que continua viva e quer dar continuidade à vida do Adão.

O Adão faz parte de uma estirpe que num certo sentido está desaparecendo nos movimentos sociais, é da estirpe do nativo, da natividade, é da estirpe do Sebastião Rosa da Paz; do Josimo Tavares; do Antônio Gringo; do Antônio Marangon. Ele é do período da luta social no Brasil em que se fundiu na mesma pessoa o dirigente e o artista. Isso hoje vai ficando cada vez mais raro, vai se estabelecendo a divisão de trabalho e as coisas sérias para um e a arte para outros. O Adão, não, ele fechava isso na sua vida, na sua militância. O Adão foi também um construtor de ferramentas coletivas. Isso é a marca da vida do Adão.

Conheci o Adão Preto logo no começo da construção do PT. Num certo sentido testemunhei a sua trajetória na construção do partido, na construção do Movimento dos Sem-Terra, na construção da CUT. Ele veio das CEBs, das CPTs e foi indispensável na construção da Secretaria Agrária Nacional do Partido e da construção do Núcleo Agrário, que foi o primeiro núcleo parlamentar que se estruturou nesta Casa na bancada do PT. Ele faz parte de toda essa história.

A gente vai ficando velho, vai ficando um pouco sem memória. Eu queria, para terminar, fazer um registro, porque eu creio que é necessário. E, neste momento, do poeta se exige poesia.

Eu fiquei muito comovido, porque no convite para esta solenidade havia duas linhas de um poema que eu escrevi quando Adão morreu. Agora, quero trazer a vocês o poema *Há uma gaita que geme e desafia*:

“Filho do barro e da esperança: Adão.  
Pai da palavra, da trova, do canto, apoiado na gaita e na invenção.  
Regressas ao barro, na estação das chuvas, como quem fecunda por uma última vez.  
Levas no corpo que baixa sobre o pampa – e se enterra com a lágrima de teus irmãos, e amores, e filhos, e sonhos – a surda condição da semente.  
Em que madrugada o corpo de Adão Preto se apartou do barro e se fez vagido, grito, palavra, canto?  
Em que marcha as foices levantaram a vontade da manhã, acenderam a luz azul dos seus olhos e desataram o rio da palavra que brotou de sua garganta?  
Havia uma cruz e uma encruzilhada.  
Havia frio, e medo, e a morte dos anjos.  
Havia panos brancos sobre os braços da cruz como bandeiras de paz para que não se extravie a memória dos anjos.  
Havia medo e a palavra como centelha acendendo no acampamento uma canção de coragem.  
Ouidos que ouvem e olhos que brilham contra a tarde de cinzas.  
Há uma gaita que geme e desafia.  
Sempre haverá enquanto houver ouvidos que acolham e desafiem a ordem o medo, a submissão.  
Não houve tempo para colher a semente, mas houve tempo suficiente para erguer os olhos e deixá-los contemplar a bandeira vermelha – sinal de terra livre – no portal dos assentamentos.  
Há uma gaita que geme e desafia a ordem, o medo, a submissão.  
A gaita de Adão Preto desafia o silêncio.”

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Obrigado, companheiro.

Com a palavra a Deputada Luciana Genro.

A SRA. DEPUTADA LUCIANA GENRO – Quero saudar todos os presentes, especialmente o Edegar, o Tomás Balduino e o João Paulo.

Vou ser bem breve, porque não tenho o talento da Iriny, que consegue falar um tempão sem chorar. Eu sou terrível!

Eu queria dizer que o Parlamento brasileiro nunca foi grande coisa. Todos nós sabemos que isto aqui é um lugar onde, em geral, chegam os piores, e eu acho que ficou ainda pior sem o Adão aqui.

Então, eu queria não só em meu nome, mas em nome do PSOL do Rio Grande do Sul, deixar este registro do reconhecimento ao trabalho do Adão e ao significado que teve a sua passagem pelo Parlamento.

Por tudo o que já foi dito aqui, há expectativa de que a luta que Adão representa possa seguir – sabemos que vai seguir. É como a luta dos palestinos, que podem ser massacrados, mas nunca desistem. Eu acho que a luta pela reforma agrária também é assim: mesmo com todas as adversidades, sempre vai seguir. Com certeza, o Adão vai fazer falta, mas existem outros que vão continuar a sua luta, embora ninguém vá substituí-lo, nem o que ele representou aqui. Mas acho que cabe também a nós continuar essa caminhada e tentar fazer com que a luta tenha cada vez mais força e mais possibilidades de vitórias, tão importantes para que o Brasil progrida e também para que consigamos manter aqui no Parlamento a luta presente o tempo inteiro.

Todos nós que estamos aqui hoje temos a tarefa de seguir esse caminho, de continuar essa trajetória, lembrando que a luta pela reforma agrária, a luta em defesa dos pequenos agricultores, a luta que o Adão representou aqui, cabe a nós todos continuar, independentemente de sermos ou não oriundos da terra. Sabemos da importância da terra, da importância daqueles que nela produzem e da importância dos que fazem dessa luta a sua meta central, a luta mais importante das suas vidas, como era o caso do Adão Preto. Tomara que consigamos continuar honrando essa trajetória que ele tão bem representou aqui.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – O pessoal que está em pé pode ocupar as cadeiras aqui da frente, pode se acomodar melhor para continuar acompanhando conosco a sessão.

Com a palavra o nosso querido Deputado Estadual do Rio Grande do Sul companheiro Dionilso Marcon.

O SR. DIONILSO MARCON – Nós queremos saudar o companheiro Paulo Pimenta e a companheira Iriny, Presidentes das duas Comissões, o companheiro João Paulo, que representa aqui o nosso movimento –

sou um assentado, ligado ao Movimento dos Sem-Terra. Saúdo também D. Tomás Balduino. Aliás, o companheiro Adão Preto, quando o assunto era religioso, recorria sempre a D. Tomás – “O que será que D. Tomás e D. Orlando Dotti pensam disto?”. Naquele tempo do debate aqui no Congresso sobre a legalização do aborto, ele disse “Não, eu vou consultar a Igreja Católica”. Ele disse para o PT: “Eu fui criado na Igreja Católica, sou cria da Igreja e vou ter que seguir o que a Igreja vai me pedir para fazer”.

Saúdo o companheiro Edegar, o Luizinho, a Lena, o Adãozinho – o Edegar foi também meu chefe de gabinete. E saúdo a Sonia, que era outra consultora a quem o Adão Preto recorria: “Temos que saber o que o partido pensa. Liga para a Sonia, para ver o que a Sonia está dizendo”. O Adão Preto consultava algumas pessoas para saber como ele deveria se conduzir, qual seria a posição política dele, uma posição coletiva, não só dele.

Eu sou da região do norte do Estado, de Ronda Alta, onde surgiu o Movimento dos Sem-Terra, Encruzilhada Natalina. Conheci o trovador, ele e o Edegar. O Edegar trovava junto com o Adão. Foi lá que eu conheci esse guerreiro. Eu não entendia, muitas vezes, o que ele fazia, o companheiro Adão Preto.

Em 1986, como Deputado Estadual, eu fui acampado. Em 1989, na nossa ocupação da fazenda, no Município de Fortaleza dos Valos, embaixo do tiroteio mais cerrado, com os fazendeiros cortando até galhos de árvore a tiros, chegou o companheiro Adão Preto, a Jussara Cony, Iraí Muller. Nas piores horas é que o Adão Preto chegava junto de nós. Assim era no nosso Estado. E muitas vezes ele ligava para o Severiano e dizia “não posso ir para o Estado porque eu tenho que ir para outro Estado”. E aí o Severiano ligava para alguém ir junto com ele. Nós dizíamos: “O Adão não está aqui porque está em outro Estado”. Muitas vezes, nem nós estávamos convencidos de que o Adão Preto estava em outro Estado. Eu só fui me convencer 100% disso quando vim aqui no Congresso, Deputado Rosinha, e ouvi os Deputados dizerem que o Adão Preto tinha estado no Pará, no Acre, em Rondônia, no Maranhão, em vários lugares no Estado. O Senador Suplicy disse no velório dele, em Porto Alegre: “O Adão Preto não é um Deputado Estadual, é um Deputado Federal, um Deputado do Brasil e não do Rio Grande do Sul. O Adão Preto não discutia mesquinha aqui no Congresso, era sempre projeto”.

E, para encerrar, como são várias as histórias, eu queria lembrar uma. O Edegar estava junto, lá em Coronel Bicalho, terra onde ele nasceu. Num sábado de manhã, nós íamos fazer uma entrevista na rádio, e um

agricultor recém-assentado, D. Tomás, tinha ouvido que o Adão ia estar lá. Ele foi para a rádio e esperou o Adão na porta. Deu um abraço nele e disse: “Adão Preto, eu estou emocionado. Sabem qual foi a resposta do Adão? “Eu estou muito feliz com a tua emoção.” Ora, mas o que que o Adão quis dizer com aquilo? Nós debatemos depois. Ele estava feliz porque o companheiro estava assentado pela reforma agrária.

A última vez que estivemos juntos, eu e o Adão, foi em 2008, em São Gabriel, Emília Fernandes, uma terra que não tem lei, de um Governo que odeia os pobres, lá no Rio Grande do Sul. Eu, o companheiro Adão Preto e o companheiro Rosinha ficamos 5 horas presos dentro da caminhonete do Adão Preto. Na frente – imunidade parlamentar não adiantava, nem a minha nem a do Adão –, uma barreira da Brigada Militar a 20 quilômetros do acampamento, não deixando a gente seguir à frente. E dos lados duas barreiras de fazendeiros. Nós dávamos graças a Deus de conseguir voltar para a cidade. Mas não voltávamos, porque nós achávamos que a nossa vida estava em risco. Não conseguíamos chegar até a cidade para vir embora. Quem salvou a gente? Por isso eu digo que, por tudo o que ainda falta fazer neste País, a Polícia Federal nunca foi usada para desocupar terra invadida por trabalhador. E quem salvou a gente foi a Presidência do Congresso, que pediu ao Ministro Tarso Genro, que mandou lá a Polícia Federal. Até a nossa cor mudou. E o Adão Preto disse assim: “Nós brigamos muito pelos nossos direitos humanos. Cadê o nosso direito? Cadê os direitos humanos?”

Esta placa, esta homenagem, aqui é o lugar dela. Aqui é o lugar dos negros que gritam pela demarcação das terras dos quilombos, é o lugar dos índios, do povo das cidades, dos sem-terra da reforma agrária, dos pequenos agricultores, dos idosos aposentados. As duas Comissões acertaram, os Deputados acertaram em fazer a homenagem com este Plenário Adão Preto.

A luta continua, pela democracia e pela cidadania do nosso povo brasileiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Muito obrigado, Deputado Marcon. Esta Casa precisa do senhor aqui, para manter viva essa chama, essa força, essa luta.

Antes de chamar o Deputado Dr. Rosinha, já que todo mundo está contando história, eu vou contar uma também, que ouvi do Adão Preto.

Diz que chegaram num local, sei lá onde era, ele e o Senador Paulo Paim. Quando desceram da caminhonete, diz que o cidadão abraçou

o Paim e gritava: “Adão Preto! Adão Preto! Que bom que vocês chegaram”. Daí diz que ele olhou e pensou: “Se eu virar Senador com essa, deixe que chamem de Adão Preto esse Paim aí”.

Todo mundo vai contar uma história.

Com a palavra o Deputado Dr. Rosinha.

O SR. DEPUTADO DR. ROSINHA – Companheiros Paulo Pimenta, Iriny Lopes, João Paulo Cunha, D. Tomás Balduino e Edegar Preto, cumprimentando vocês, cumprimento todos os outros companheiros e companheiras.

Não vou contar história do Adão Preto, até porque já estão contando muitas.

A morte do Adão foi uma daquelas que me desconcertou. Às vezes ouvimos dizer: “Olha, morreu Fulano, morreu Ciclano” – mortes que não me tocaram tanto como a do Adão. Eu me emocionei muito porque tinha ele, e tenho, como um dos homens imprescindíveis, daqueles que não têm substituto. Vemos isso aqui, no Congresso Nacional, na Câmara dos Deputados.

Quando criamos a Frente Parlamentar da Terra e nos reunimos, automaticamente, de direito e de fato, decidimos que o Adão tinha de ser o coordenador. O pessoal na época me escolheu, de maneira provisória, inclusive num momento muito difícil da minha vida. Eu liguei e disse a todo mundo que não tinha condições psicológicas. Mas eu assumi porque compreendi a explicação e a importância do cargo. Logo em seguida, quando pude, não por querer me livrar do cargo, fiz todos entenderem que aquele lugar, merecido, era do Adão, que era ele que tinha de continuar, não eu. O Adão completou um ano no cargo e o devolveu a mim de uma maneira que não deveria, não é? Era ele que tinha de continuar, para trabalharmos juntos.

O Adão era um homem resistente. Vou dizer por quê. Um dia desses, eu estava num assentamento, aí minha mulher me telefonou e perguntou: “Onde você está?” Eu falei: “Em casa”. “Mas você já voltou da viagem?”, ela disse. “Não, não voltei; é que eu estou num assentamento, e, quando eu estou num assentamento, eu me sinto em casa”, respondi. O Adão Preto vivia muito fora de casa aqui. Aqui, para ele, era dramático.

O Edegar leu o artigo que escrevi em homenagem ao Adão, no qual tratei do preconceito. Aqui é muito pior do que em qualquer assenta-

mento, é muito pior do que em qualquer ocupação, João Paulo, no sentido psicológico, no sentido de enfrentar todos os dias a luta de classes.

Quem está aqui são todos amigos e companheiros do Adão. Alguns, os mais novos, são frutos dele, da semente que ele plantou. Aqui às vezes aparece um, e não se nota. Vejam se há aqui algum ruralista. Eles vão negar sempre, mas eles odiavam Adão Preto – tenho certeza disso – porque era um incômodo. Todos os dias ele incomodava dizendo que estavam matando trabalhador. Quando digo eles é a classe social. Aqui é luta de classes, mesmo que não pareça, mas é.

O Adão era um companheiro que desafiava a todo instante, não havia problema. Ele enfrentava tudo aqui, e fazia o quê? A Iriny concorda comigo. Ele nos dava energia. Dávamos as mãos a ele para caminhar. Não era só a questão de enfrentar; ele nos passava boa energia, e caminhávamos com ele. Então, ele faz uma falta aqui dentro, rapaz do céu! Sei que ele faz falta lá na ocupação, no assentamento, mas aqui dentro ele também faz muita falta.

Aqui, ele incomodava, e vai continuar incomodando. Botar o olho ali, há gente que não vai gostar nem um pouquinho. Vai continuar incomodando.

O preconceito é que pessoas morreram e trinta dias depois já tinha sala com seu nome. Nós estamos aqui há mais de um ano. Todos falam sobre o assunto nos bastidores, tratam da questão ao pé do ouvido de um e de outro, perguntando o seguinte: “O que está acontecendo? Por que Adão Preto não pode dar seu nome à sala?” Não pode porque ele tinha lado, ele nunca mudou de lado.

Edegar, tenha orgulho de seu pai, que nunca mudou de lado. Por nunca ter mudado de lado, o pessoal não queria dar seu nome à sala. A sala tem lado: o lado da luta do povo, o lado da conquista da reforma agrária.

Encerro minha fala, Sr. Presidente, dizendo que Adão Preto recebeu a visita passada de um outro lutador. A partir de agora, juntos vão cantar serestas, vão contar histórias. Refiro-me a José Saramago, homem de muita luta. Os dois juntos com outros, tenho absoluta certeza disso, vão não nos dar muita força, muita energia e muita inspiração para a luta. Os dois sempre lutaram e sempre nos inspiraram. E Adão Preto é o nosso inspirador neste Parlamento.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Tem a palavra o Sr. Dioclécio Luz.

O SR. DIOCLÉCIO LUZ – Edegar, farei um depoimento mais pessoal, mais confessional do que político, uma vez que convivi pouco com Adão Pretto – só em alguns momentos esporádicos com relação à lutas sobre comunicação, sobre meio ambiente etc.

A primeira coisa que me faz lembrar dele, quando se fala nas tantas lutas dele, sem entrar no aspecto político, é o fato de que, em algum momento da sua carreira política, ele, que lutava contra o latifúndio de terra, passou a lutar contra o latifúndio do ar. Daí a briga dele a favor das rádios comunitárias.

Ele entrou para valer nessa luta, tanto que uma vez ou outra eu recebia notícia que a Polícia Federal estava dando porrada em Adão Pretto, porque ele estava defendendo uma rádio não autorizada que seria fechada pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

A segunda questão é pessoal. Todos sabem que em Brasília foram flagrados e filmados alguns Deputados envolvidos em maracutaias, inclusive, alguns deles estão perdendo mandato. Será que eles não têm vergonha de olhar para a cara dos filhos? O que os filhos deles pensarão diante dessa prática?

Nessas horas, Edegar, é que penso em Adão Pretto, porque, afora a carreira política, ficou esse legado de honestidade e de coerência. Honestidade e coerência são do caráter. Isso não se encontra em todos os cantos. Ainda mais quando se está na política, um jogo terrível, em que a todo o momento é oferecido um preço aos indivíduos, em que ele é chamado para se deixar cooptar, para se vender em troca de poder, de crachá, de títulos e de coisas semelhante. Mas Adão Pretto não se vendeu, o cabra se manteve na linha.

Estou falando isso a você, Edegar e aos seus irmãos, porque quando acontecem essas trambicagens, penso também no meu filho de seis anos. Não quero que um dia ele veja a minha imagem na televisão, seu pai metido em roubos, colocando dinheiro ali e acolá. Não quero chegar a isso, e esse dia não vai chegar.

Adão Pretto, mesmo sendo Deputado, mesmo sendo político, situação em que é muito difícil de segurar a onda, assim como tantos outros, vamos ser honestos e sinceros. Ele segurou.

A terceira coisa que pretendo relembrar é que, em certo momento, quando comecei a tratar com ele, fui chamado de peão. Ora, lá no meu Pernambuco o termo peão é quase pejorativo. Depois, soube que de

peão é como ele tratava os amigos, companheiros, o trabalhador cam-pesino. Então, ele estava me tratando de igual para igual – e alguém já falou aqui da questão da sua humildade no tratamento.

A quarta questão é outra referência, que você, na condição de filho, deve guardar do seu pai. Não é todo o pai que passa isso para o filho. Tem gente que delega para a Igreja ou para um amigo passar os valores. Adão Preto, não.

Finalmente, devo dizer que, conversando com o Deputado Edigar Mão Branca, aquele do chapéu, do Partido Verde, da Bahia, pessoa que conheço há muito tempo (ele mexe com rádio, com música etc.), eu lhe disse o seguinte: “Olha, Edigar, preste atenção numa coisa: una-se com quem presta, cabra. Não se junte com quem não presta. Esta Casa tem muita gente que não vale nada”. E ele me perguntou: “Quem, por exem-plo?” Respondi: “Adão Preto é o primeiro é cabra que presta. Ele é agri-cultor e cantador como você. Ele canta uma tal de trova, meio desafio, meio repente, meio improvisado”. Dito isso, ele se animou: “Opa, vou con-versar com esse cabra”.

E eu continuei: “Só há um problema. Talvez você não saiba o que é ‘querência’ que lá no Sul é uma mistura de roça com fazenda. ‘Garota’ eles chamam de prenda. O dinheiro de lá não é real, é pila”. O Deputado Mão Branca riu e nunca esqueceu minha sugestão. Tanto é que, quando Adão Preto morreu, ele publicou numa revista algumas palavras de elo-gio ao grande Adão Preto.

Concluo minha fala, dizendo algo a você Edegar, filho de Adão Preto. Geralmente, quando morre uma figura importante, de poder, todos elo-giam, porque se deve elogiar. Contudo, procurei alguma coisa que pudes-se ser colocada contra Adão Preto – de repente, outros também poder-iam buscar isso –, e não achei. Então, ele merece ter seu nome posto ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Tem a palavra o Sr. Deputado Anselmo de Jesus.

O SR. DEPUTADO ANSELMO DE JESUS – Sr. Presidente, cumprimen-to V.Exa., a Deputada Iriny Lopes, o Edegar, o Senador Suplicy, o Deputado João Paulo e os demais presentes.

Neste momento tão importante em que lembramos nosso amigo Adão Preto, com quem convivi nesta Casa no primeiro mandato, num pedaço do segundo mandato, no Núcleo Agrário, na luta contra a trans-genia, na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Terra,

no velório a Irmã Dorothy Stang, na Comissão da Agricultura, ele está fazendo muita falta.

Lembro de Adão Preto na Comissão da Agricultura, dos momentos em que estávamos cansados de tanto apanhar dos ruralistas. Um dia, eu lhe disse o seguinte: “Adão, vamos largar isso para lá. Nós vamos perder mesmo!” E ele me disse o seguinte: “Não vamos fazer isso, não. Não podemos largar. Podemos perder, mas não podemos ser derrotados”.

Adão Preto era capaz de fazer daquele momento difícil uma poesia. Era capaz, mesmo tendo votação menor, de sair dali sem ser derrotado, firme para a próxima luta que viesse. Adão Preto tinha a capacidade de nos momentos mais difíceis de reagir, não só para não se sentir derrotado, mas para que também não nos sentíssemos derrotados naquele momento.

Adão Preto tão marcante em minha vida, na vida do Assis, até porque também nunca tivemos outra profissão a não ser de agricultor familiar. Conversávamos muito, ao ponto de hoje não conseguir passar uma semana sem falar em Adão Preto, até porque todas às sextas-feiras, sábados, domingos, talvez até numa parte da segunda-feira, eu faça no mínimo seis reuniões com agricultores. Não consigo fazer uma reunião dessas sem lembrar da figura de Adão Preto. Muitas vezes, sem perceber, mesmo não tendo colocado o nome de Adão Preto no planejamento para falar na reunião, a imagem de Adão Preto me vem à mente e tenho de falar nele. Não tem jeito. Mesmo hoje, na própria Comissão de Agricultura, a cada momento, lembro dele. O mais engraçado é que quando ele foi presidir aquela Comissão, nós não queríamos deixá-lo ir. Eu e o Assis dissemos a ele: “Você não pode sair daqui”. Ele nos respondeu: “Mas o pessoal disse que eu tenho de estar lá”. A situação era tão engraçada que ele dizia algo assim: “Vocês têm de vir aqui me ajudar”. Eu respondia o seguinte: “Você não apareceu mais na Comissão de Agricultura”. De repente, chamavam-me para a Comissão da Amazônia e eu corria para lá; chamavam-me à Comissão de Meio Ambiente e eu corria para lá, mas não ia à Comissão que o Adão presidia e ele não voltava à Comissão de Agricultura. E começávamos a brigar um com o outro. Aí daí a pouco, ele disse para nós: “Vocês sabem que eu acabei descobrindo uma coisa. A gente confia tanto um no outro que, mesmo não estando presente, acha que o que está lá resolve”.

Então, tínhamos uma amizade, uma confiança tão grande, que não íamos lá ajudar, porque confiava que cada um era capaz de dar conta do recado.

Ele sempre pregou a humildade, mas com valentia. Devíamos ser valentes não com o nosso companheiro, mas com os nossos inimigos.

Um dia, num debate bastante acirrado com um ruralista na Mesa, ele disse o seguinte: “Sabe qual é a minha maior felicidade?” Aí o ruralista disse: “Não, não sei”. Ele disse: “A minha maior felicidade é quando a gente toma a fazenda de vocês e entrega para os sem-terra”. Na frente da imprensa, na frente de todo mundo, ele foi capaz de falar isso.

Numa outra oportunidade, nós estávamos debatendo, bem aqui neste plenário, sobre a transgenia, e existem aqueles que se vestem de Esquerda para poder aparecer na imprensa, e ele disse assim para mim: “Anselmo, eu não acredito nas pessoas que sentam no banco da frente, eu não acredito nas pessoas que correm atrás da imprensa, porque essas pessoas não acreditam no trabalho delas. Basta a gente acreditar no nosso trabalho que não precisa a gente correr atrás da imprensa nem ter que sentar no banco da frente”.

Então, ele foi uma pessoa que nos deu exemplo, e tenho certeza de que Adão ainda vive.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Com a palavra o Prof. Sérgio Sauer.

O SR. SÉRGIO SAUER – Boa noite a todos.

Eu gostaria de agradecer ao Deputado Paulo Pimenta e à Deputada Iriny Lopes e, por extensão, a todos os Parlamentares que aqui estiveram, porque é essa lembrança que nos faz lembrar e reviver batalhas com o Deputado Adão Preto.

Também sou gaúcho – nem todo mundo é perfeito – e ouvi falar do Adão já nos anos 80, quando era agente da CPT no Paraná, mas fui conhecê-lo aqui, em Brasília. Eu era assessor no Senado, junto com a Sonia, e o Adão era nossa referência na Câmara para todos esses temas que já foram mencionados.

Um teólogo presbiteriano, Rubem Alves, bastante conhecido, hoje não mais – hoje há outras coisas, além de teólogos – disse que a saudade torna as pessoas mágicas. E é verdade. Acho que foi o Ministro quem mencionou que, quando a gente pensar em Adão, é a saudade que organiza os nossos sentimentos – ou desorganiza. Não sei se a Rosângela ainda está por aqui, mas algumas pessoas choraram tanto que achei que também não iria suportar.

Em todo caso, o que torna o Adão mágico não é a saudade, mas a simplicidade e o compromisso, duas coisas que eram marcas dele. Nós, assessores, sabemos nessas duas Casas da relação entre Parlamentares e assessores. O Adão tinha uma simplicidade e uma atenção em tratar conosco cativantes. Como ele sabia que eu gostava muito de chimarrão, era só eu chegar no gabinete e ele mandava fazer o chimarrão. E, no chimarrão, vinham as conversas e a simplicidade do Adão.

E, em segundo lugar, na CPI da Terra, onde tive oportunidade de trabalhar mais diretamente com ele – e aí vem uma amostra da sua simplicidade –, o Adão disse: “Não precisa me botar como titular; pode me botar como suplente, porque eu estarei lá todas as vezes. Vamos trazer para nos ajudar outros Parlamentares como titulares”.

E ele, como suplente, estava presente em todas as sessões. Em vários momentos nós – o Nilton está aqui, assim como outros assessores que não estão – dizíamos que precisávamos de mais ouvidos como os do Adão para assoprar, porque esse é um dos problemas que os assessores têm nesta Casa. Temos muitos assessores e, às vezes, não temos ouvidos para assoprar, porque não podemos falar.

Este é meu testemunho.

Agradeço aos Parlamentares que fizeram esse esforço para transformar esse espaço em um espaço de memória, lembrando justamente o compromisso e a simplicidade do Adão.

Todo mundo contou “causos” e momentos com o Adão e eu gostaria de narrar algo que foi, para mim, bastante significativo. Ele era um assíduo frequentador do Núcleo Agrário, do qual foi coordenador. Como em todo espaço nestas Casas, havia debates, disputas, diferenças, e o que me impressionava no Adão é que ele tinha uma identidade muito clara. Todo mundo o conhecia como Parlamentar do MST. Mas o fato de ser do MST nunca fez com que o Adão tomasse qualquer atitude que discriminasse os demais movimentos. A Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Fetraf), a Contag, a Via Campesina, todos tinham o mesmo tratamento do Adão.

Então, a identidade dele em relação a um movimento não lhe retirava a capacidade de ouvir e de atender as demandas dos demais movimentos. Então, esse tratamento igual que ele dava aos movimentos foi uma das coisas que muito me marcaram.

E uma segunda, ainda em relação ao Núcleo Agrário, a essa coisa de disputas, de diferenças de opinião, é que ele sempre nos lembrava que o Núcleo mais antigo do Partido dos Trabalhadores também foi o espaço em que sempre superamos as diferenças, tendências etc. E ele contava sempre as histórias em que ele, como Parlamentar, junto com a Lucy e outros, todo ano tinha que ter um coordenador. Então, sempre se abria mão para não ser o representante desse ou daquele movimento, porque o fundamental era a unidade, porque eles eram poucos e, como poucos, precisavam trabalhar juntos.

Essa simplicidade foi muito forte no ser Adão. Por causa da clareza do compromisso, ele não tinha dificuldades em ouvir os demais. E, na minha opinião, foi exatamente por essas duas características que ele conquistou de todos nós, Parlamentares, assessores e pessoas que o acompanharam, o respeito. Foi justamente por causa dessa simplicidade, de um lado, e do compromisso, de outro, porque sabíamos que podíamos contar com o Adão em qualquer momento.

Sempre há dificuldade em pensar em alguém que não está aqui. Peço desculpas, pois não há nenhuma comparação. Eu comecei agradecendo os Parlamentares pelo fato de que, ao lembrarem dele, tenham feito isso com muito carinho e respeito. É que a memória dele eleva todos nós e os Parlamentares ao patamar do Adão, no sentido do compromisso e da simplicidade com a luta, com uma população de camponeses sem-terra que precisa tanto.

Muito obrigado a todos os Parlamentares e a todas as pessoas que aqui estiveram. É lembrando de alguém tão importante que damos continuidade à luta, essa luta que é tão importante!

Parabéns a todos.

Viva o Adão!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Concedo a palavra à Deputada Emília Fernandes.

A SRA. DEPUTADA EMÍLIA FERNANDES – Sr. Presidente, Deputado Paulo Pimenta, Deputada Iriny Lopes, nosso sempre Senador, companheiro e colega Senador Eduardo Suplicy, João Paulo do MST, Edegar, um abraço muito forte na Helena, no Adãozinho e no Luiz. E abraçando você, Edegar, abraçamos toda a família.

Sem dúvida, este é um momento muito forte não apenas para mim, companheira, amiga, admiradora e eleitora do Adão Preto, mas também

para a Câmara dos Deputados, para o Congresso Nacional, porque rememoramos a presença do Adão como Deputado e toda sua luta de autenticidade, de ética, de lealdade a uma causa, uma causa que muito lhe exigia, que fazia com que fosse discriminado, mas ele resistia bravamente.

Hoje, vendo seu retrato na parede da Comissão de Direitos Humanos – ele com uma cuia de chimarrão na mão, como eu o conheci –, escutando os depoimentos daqueles que começaram, há muitos anos, com Adão e fazendo uma comparação com os retratos da galeria, vejo que ali há quatro, cinco exemplos vivos – não quero arriscar, não posso igualar todos – do que é a representação desta Casa em termos de conservadorismo, de poder econômico e de posturas ideológicas que predominam até hoje.

Então, a presença do Adão aqui marcou, sim, o antes e o depois.

Cheguei ao Congresso Nacional em 1995, como Senadora – vim de uma terra de latifundiários, embora não tenha nenhum vínculo com esse tipo de pessoa, que respeito, mas não sou proveniente dessa luta –, e observei aquele homem do Rio Grande escutando e falando para o Brasil e para o mundo sobre liberdade, justiça, direitos humanos e reforma agrária – num país gigantesco e maravilhoso como o nosso ainda existem milhares de pessoas à beira das estradas clamando por um pedaço de terra.

Logo, Senadora pelo Rio Grande, tenho de me incorporar a essa luta, eu que venho da educação – sou professora – e da militância sindical. Recebi os primeiros assentados em Santana do Livramento, na fronteira, quando os poderosos se armaram e mandaram organizar barricadas, porque os trabalhadores sem-terra estavam chegando. Junto com os trabalhadores sindicalistas, lideramos uma caminhada, pelas duas principais ruas da cidade, para dizer que eles eram bem-vindos para plantar, porque os produtos vinham de São Paulo, e colocar alimentos na mesa do povo da nossa região. Neste final de semana, uma assentada lembrou que nós, há 21 anos, com trabalhadores e sindicalistas, os recebemos naquela cidade.

Então, quando aqui cheguei, comecei a observar, a aprender e a me incorporar, com Adão Pretto, na luta pela reforma agrária e pela agricultura familiar. Não foram poucas as vezes em que sentei com Adão, no meu gabinete no Senado, para discutir a questão da luta da agricultura familiar e da reforma agrária. Inclusive, ele e eu fomos juntos várias vezes aos acampamentos.

Então, bandeira, a ética, o exemplo, os ideais pelos quais ele tanto lutava – eu sou uma admiradora de Che Guevara, de Fidel e de Cristo, porque eles lutaram por ideais – estão escritos em minha história de

vida. Identifico no Adão as características de um homem simples, humilde, que não pôde estudar, mas que colocou a energia de sua vida na defesa daquilo em que acreditava.

Nós, à frente da Secretaria de Políticas para as Mulheres, recebemos a Marcha das Margaridas; fizemos o Presidente Lula abrir, pela primeira vez, as portas do Planalto para as mulheres camponesas, as mulheres agricultoras.

Foi lembrada aqui a resistência em nossa região do Rio Grande do Sul, que também é muito forte. Ano passado, um trabalhador foi assassinado em São Gabriel, na mesma terra em que vocês – o Marangon está aí – e o Adão ficaram presos. Eu fui a primeira pessoa a chegar ao local. Estava a duzentos quilômetros e me dirigi imediatamente para lá. Naquela luta houve, além daquele trabalhador assassinado, mais de trinta homens, mulheres e crianças feridos. Vimos ali muito sofrimento, mas vimos também a luta da resistência dos trabalhadores do MST, e eu senti a mesma emoção que estou sentindo agora: a presença viva do companheiro Adão Preto.

Então, quando esta Casa torna perene não apenas seu exemplo – e na verdade, isso nunca saiu daqui –, mas a sua foto, para nos lembrar a simplicidade, a simpatia de um homem que cantava e encantava, que saía pelas estradas da mesma forma como chegava aqui, isso nos faz pensar muito.

Eu jamais gostaria de ter chegado aqui como cheguei. Eu votei no Adão Preto e não consegui me eleger Deputada Federal. Quando tomei conhecimento da doença e, posteriormente, do falecimento do Adão Preto, parecia que tinham me tirado um pedaço daquele entusiasmo de ser Parlamentar que durante vinte anos eu tive.

Eu dizia que não ia assumir, Edegar. Uma semana depois do falecimento, as pessoas daqui me ligavam e diziam: “Tu tens que assumir; o partido precisa; não pode deixar a vaga”, e eu não conseguia assumir, tal era a minha emoção. E eu dizia que não podia, porque não era assim que eu tinha sonhado. Eu queria estar junto com ele, caminhar lado a lado, pelo respeito, pela admiração que sempre tive por ele. Aí, eu assumi, no dia 17 de fevereiro.

E veio o segundo desafio. A administração da Câmara me disse que eu não precisava ficar no mesmo gabinete, que ia providenciar outro, pelo estado que eu estava.

Eu disse que não, que queria ficar no mesmo gabinete dele. E queria porque aquele espaço estava repleto de energia de luta, e eu queria dar essa continuidade à luta. Lógico que não com o brilho nem com a legitimidade dele, que veio lá do campo, mas, sim, com o exemplo, com a coerência, com a determinação e com a ética que ele deixou plantados no meu coração. E, assim, fiquei no gabinete dele, com muito orgulho. E podem passar por lá – não há talvez – todas as bandeiras, tudo o que der, pois os seus compromissos e os temas que defendemos estão estampados nas portas e nas vidraças.

No dia 26 de fevereiro deste ano, quando fiz aqui o primeiro pronunciamento, minhas primeiras palavras foram para exaltar a memória de Adão Pretto e dizer que ele ajudou não apenas o Rio Grande, mas o Brasil, o mundo e este Parlamento, porque as defesas que ele fazia serviam de orientação de luta para homens e mulheres no campo.

Muitas marchas e marchas fizemos pelas ruas de Porto Alegre e pelas estradas do País, ele cantando e nos dizendo da sua vida e do que queria e sonhava para este País. Tudo ainda está vivo e presente em cada um de nós.

Quero, mais uma vez, dizer da emoção de estar compartilhando este momento, como já disse e repito, muito forte para nós, para a luta do povo deste País, mas também para o Congresso Nacional, para que ele fique definitivamente marcado com a organização do povo, com a luta unida dos trabalhadores e das trabalhadoras deste País que se agiganta e que não é o mesmo. Está aí um novo projeto. A agricultura familiar, em 2002/2003, recebia 2 bilhões de reais; hoje, o plano que está sendo apresentado para ela prevê 16 bilhões de reais.

Lógico que não avançamos o que desejávamos, e não avançamos porque, assim como existe a luta popular, há a da resistência, reacionária e conservadora, que faz o confronto todo dia e toda hora neste Congresso Nacional, nas estradas, no campo e em todo lugar do País.

O importante, companheiras e companheiros, é que a inspiração desse homem, que não foi lutador de um dia só, mas de uma vida inteira, permaneça presente em nosso coração, que nos unamos cada vez mais em torno de um projeto soberano de Nação que avança, que tira milhões de pessoas da fome, que proporciona escolas, casas, empregos e, principalmente, resgata a soberania e a autoestima do povo brasileiro que não anda mais de cabeça baixa, pedindo esmola, nem sob o tacão do interesse do grande capital internacional.

Esta Casa e , naesta Comissão de Direitos Humanos manterão o seu olhar atento, mas, acima de tudo, presente para dizer que é possível, sim, o pobre, aquele que estudou pouco, mas que tem consciência daquilo que faz e pensa, chegar aos espaços de poder e de decisão, porque é assim que poderemos transformar esta Nação num país justo, igual, onde todos tenham direito a um prato de comida, a um pedaço de terra, a uma escola, a um hospital, e possam realmente dizer: “Este País é do povo brasileiro.”

Então, amigo Edegar, leve um abraço a todos os teus irmãos e irmãs, à Helena maravilhosa. Perder o pai e a mãe é um desafio muito forte. Mas eu sei que o sangue que corre em vocês é de resistência, de bravura, porque foi o que Adão Preto passou a toda a família. Receba o meu carinho, o meu abraço. Tenho procurado, a cada dia deste mandato de dois anos – e espero poder renová-lo por mais tempo – me embasar exatamente nos princípios para honrar os votos que ajudei a trazer para o nosso partido e o espaço que o Adão me deu aqui, por essa determinação divina. E vou continuar firme, em defesa desse grande projeto nacional, para resgatar o Rio Grande do Sul para a mão do povo trabalhador. Já basta de matar trabalhador, já basta de agredir professores nas ruas e querer criminalizar os movimentos sociais.

Que a inspiração do Adão, justa e legítima, continue viva. E que na saudade e nas lágrimas não esteja em nenhum momento o sentimento de fraqueza, porque ele era um libertário de ideias, um revolucionário de povos, mas principalmente um homem de fé, humilde, amável, amigo. E é isso que quero sempre guardar dele como inspiração para o meu trabalho como cidadã e como Deputada Federal.

Um abraço e meus cumprimentos. É com muita alegria que estou aqui abraçando-os e dando este testemunho de respeito pelo nosso companheiro e amigo Adão Preto.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Concedo a palavra ao Deputado Ivan Valente.

Logo em seguida, falará o Deputado Pedro Wilson e encerrará as manifestações o Senador Eduardo Suplicy.

O SR. DEPUTADO IVAN VALENTE – Companheiras e companheiros, quero cumprimentar a Mesa, companheiro Edegar, a Iriny, o Paulo, o Suplicy e o João Paulo.

Vou ser breve. A esta altura, todos já colocaram muitas questões. Eu queria fazer uma única referência ao meu amigo, irmão e camarada Adão Preto.

Durante os anos que passei com ele nas lutas nesta Casa e fora dela, talvez tenha sido ele o mais próximo dos companheiros que tive no Parlamento brasileiro. E sempre numa relação que começava com uma brincadeira, que era chamar um ao outro de pelego. “Peleguinho, como é que é? Você arreou lá na frente dos ruralistas?” E aí, começávamos a falar sério, para ver para onde as coisas estavam indo, o programa, as preocupações partidárias etc.

Hoje, o que eu queria firmar mesmo é a importância desta placa, o porquê de ela ser importante. Esta Casa está cheio de placas, e, sem demérito a alguém que tenha tido seu nome em placa, duas pessoas vão ser muito lembradas pelo povo brasileiro. As duas vieram de baixo e fizeram trajetórias diferentes: o homenageado do Plenário 10, Florestan Fernandes, militante comunista que começou como engraxate, tornou-se um dos maiores intelectuais destes Países, mas nunca deixou de estar do lado dos oprimidos, dos pobres e daqueles que buscavam uma transformação profunda da sociedade brasileira, uma revolução no sentido amplo, pleno da palavra, que é a transformação radical da ordem econômica, política, social e cultural, e Adão Preto, um legítimo militante socialista, que lutou pela reforma agrária e por mudanças sociais, um homem solidário, companheiro, um ser coletivo.

Estou na Comissão do Código Florestal, que está na iminência de votar o parecer do Relator, e o Adão Preto faz muita falta lá, porque o agronegócio tomou conta deste País, virou álibi do progresso, quando, na verdade, o que existe é uma luta de interesses, uma luta de classe. Nessa briga, Adão sabia perfeitamente identificar quem estava do lado dele e quem estava do outro. E não era só pela reforma agrária. Era a luta contra o trabalho escravo, os desmatamentos, a violência no campo, pela democratização dos meios de comunicação de massa, pela auditoria da dívida pública brasileira. Ou seja, ele tinha perfeita noção da radicalidade de um processo transformador e crítico.

Finalizo dizendo que o Adão era a cara do MST no Parlamento. O João Paulo que é a grande liderança nacional do MST, mas é incrível como o Adão conseguiu ser essa estampa de um movimento tão legítimo, uma chama acesa da luta pela reforma agrária no Parlamento e fun-

dir a atividade parlamentar com a de militante – e alguém já mencionou que nem sempre a imunidade era suficiente, porque o pau comia.

Adão Preto conseguiu ser um militante e um Parlamentar que será sempre lembrado. Quando visitantes chegarem a esta sala e perguntarem quem é aquele sujeito, podemos dizer: “Adão Preto, lutador social, lutador pela reforma agrária, militante socialista, sempre presente”.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Concedo a palavra ao Sr. Deputado Pedro Wilson.

O SR. DEPUTADO PEDRO WILSON – Não vou usar frase comum no Parlamento: todo mundo já disse tudo, não vou dizer nada; todo mundo disse muita coisa, mas eu vou dizer alguma coisa.

Adão Preto é da família da comunidade. Adão era desta Comissão de Direitos Humanos – trabalhamos juntos – e da Comissão de Legislação Participativa, Presidente Paulo Pimenta, que honra a nossa luta; Edegar Preto, da família; Senador Suplicy, aqui representando Dom Tomás Balduino; Deputada Iriny Lopes; João Paulo: Adão Preto era da Comissão de Direitos Humanos e da Comissão de Legislação Participativa, porque podia ser membro da de Direitos Humanos e titular da outra. Quando passou a ser titular da de Direitos Humanos, pôde ser também da Comissão de Legislação Participativa, uma comissão que surgiu meio escondida, mas que se tornou palco de luta juntamente com a de Direitos Humanos.

Adão Preto foi também da Comissão de Agricultura. Lembro-me bem – eu ainda não era Deputado – de que o vi lá com Modesto, um Deputado da Bahia que abandonou a luta. Foi boicotado pela bancada ruralista que não deixou ele ser Presidente da Comissão de Agricultura, porque a presidência das Comissões é distribuída de acordo com os partidos. As placas aqui são também assim distribuídas, e não quiseram dar nome de Adão Preto a um dos plenários desta Casa. Foi uma luta de 1 ano e 4 meses. Como Vice-Presidente, eu trabalhei ao lado da Sonia e da Comissão de Legislação Participativa. O Adão, pela sua simplicidade, conquistou todos nós, tornou-se Presidente, e trabalhamos juntos, em muitos embates, porque a Comissão de Agricultura transformou-se num espinho nesta Casa – tem dono.

Então, não desejava uma placa para ele, como não deseja para nós. Foi uma luta para aprovar o nome Florestan Fernandes, professor, comunista, membro do PT, Deputado que teve uma força enorme na Constituinte. E a fotografia do Adão vai incomodar muita gente.

Certamente, não serão marcadas muitas reuniões para esta sala, para que não vejam o Adão Preto lá na frente, olhando, fiscalizando. Adão Preto da CPT, da CUT, da Contag, do MST, da Via Campesina, dos sindicatos dos trabalhadores rurais, dos assentamentos, do movimento dos pequenos agricultores, Adão Preto de todos nós.

Na verdade, eu não o conhecia; imaginava quem era Adão Preto, mas eu sabia que tinha família em Goiás de Prettos, mas que são brancos. Eu o conheci antes de ser Deputado; quando cheguei a esta Casa, ele já estava aqui – já tinha sido Deputado Estadual. Eu encontrava com ele de vez em quando, em Caxias do Sul, onde havia um centro de orientação missionária do Padre Oreste, alguém que quero homenagear aqui, pois foi um grande animador das comunidades do Rio Grande e da vinda de gaúchos para o Centro-Norte brasileiro. Quero homenagear aqui esses gaúchos todos, entre eles, Ivo Poletto, o primeiro Presidente da Comissão Pastoral da Terra, de onde veio essa luta toda.

Então, eu gostaria de homenagear o Adão do PT, da terra, da solidariedade, da alegria e da esperança de um mundo melhor. Adão Preto representa perfeitamente aquela famosa frase de Brecht: “Há homens que lutam um dia, e são bons; há outros que lutam um ano, e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons. Porém, há os que lutam toda a vida. Estes são imprescindíveis”.

Na luta pelo povo trabalhador da cidade, do Cerrado e do Pampa, Adão Preto era insubstituível, um símbolo da justiça social. E ele se encantou para sempre, no compromisso com a história, com a verdade, com a justiça e com a paz para a humanidade – Deus dará. E dará como reconhecimento da luta de Adão em favor da construção de uma sociedade justa e fraterna, de uma sociedade socialista, livre e democrática.

Adão Preto falou alto, e as pedras, como disse o poeta, continuarão a falar por Adão Preto, se não falarmos por ele.

Adão hoje e sempre. Reforma agrária já. Valeram os frutos da luta pela terra. Adão vive e viverá. Adão da palavra que liberta, Adão estrela brilhante, encantada nos ares do Cruzeiro do Sul, do Brasil do século XXI.

Oxalá Adão Preto nos ilumine pelos caminhos das transformações sociais que o Brasil, no campo e na cidade, espera de todos nós, do Presidente Lula, do PT, dos movimentos sociais. A luta continua, luta que enfrentamos agora na CPMI do MST, em que a Direita foi obrigada a jogar a toalha, porque não teve a coragem de ir lá fazer o bom debate, o bom combate, porque não tinha prova nenhuma. Tinha os recursos da

mídia, que faz todo dia acusações, porque quer que o Brasil mude para não mudar nada.

Um abraço a todos aqueles que acreditam que Adão Pretto está vivendo conosco, insubstituível, embora outro poeta diga que somos insubstituíveis até ser substituídos. Mas, como ele tem os filhos e tem os amigos, no sentido da história ele é insubstituível. E, como a luta continua, ele continuará conosco, sempre solidário na luta pela justiça social no Brasil.

Viva Adão Pretto!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Numa noite importante para esta Casa e para o Brasil – e vários poetas falaram aqui –, não sei exatamente quem escreveu isso, nem se foi exatamente assim que eu li, mas em algum lugar li alguma coisa parecida com o seguinte: permanecerei vivo para sempre, enquanto for lembrado na memória dos que ficaram.

Se isso é verdade, e acredito que sim, com certeza o Adão Pretto permanecerá vivo por muito tempo, não só entre nós, mas no sentimento do povo brasileiro como um todo.

E encerrando esta reunião, Senador Suplicy, V.Exa. terá a honra de encerrá-la com a sua fala, o que para nós será motivo de muito orgulho, assim como, tenho certeza, para a família do homenageado e para os amigos aqui presentes.

O SR. SENADOR EDUARDO SUP LICY – Eminentíssimo Presidente Paulo Pimenta, querido João Paulo do MST, querido Edegar Pretto, eu queria agradecer ao Nilton, que foi assessor do Adão Pretto e hoje é assessor da Serys Shessarenko. E eu me lembro de Eldorado de Carajás, de Corumbiara, da Marcha dos Cem mil, de situações no Rio Grande do Sul ou no Paraná ou onde fosse, em Goiás, do Pedro Wilson, ou na terra da Emília Fernandes, o Adão Pretto sempre me chamava: “Olha, vem aqui, nós precisamos de você mais uma vez”. E eu sabia que os chamados dele eram sempre muito importante. Estivemos juntos em ocasiões como no enterro da irmã Dorothy Stang e em tantas outras ocasiões.

Então, quero agradecer, Nilton, por você continuar me chamando (o Sérgio também), e sempre saber dizer: “Olha, está na hora: você precisa estar aqui conosco”. E hoje, pela manhã, ele veio me chamar para esta solenidade – às vezes, temos tantas coisas simultâneas, mas que bom que eu pude estar nesta reunião de homenagem à memória de Adão Pretto.

Goethe dizia, entre outras coisas, que quando uma criatura humana resolve se empenhar com energia para a realização daquilo em que acredita, como Adão Pretto acreditava na luta pela reforma agrária, por justiça, por igualdade, as forças do universo acabam contribuindo para que isto efetivamente ocorra.

Nós vamos ter no exemplo de Adão Pretto o estímulo para que as forças do universo continuem a batalha até que todos os ideais pelos quais ele dedicou a vida se concretizem. Ele era o sal da terra e há de continuar ser a boa luz que vai iluminar os nossos caminhos.

Parabéns a todos vocês, amigos e admiradores de Adão Pretto, de quem, na verdade, seremos sempre seguidores.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Paulo Pimenta) – Concluídas, portanto, pelo estimado Senador Eduardo Suplicy, as manifestações, agradecemos mais uma vez a todos e a todas a presença e declaramos encerrada a presente sessão.

# Siglário

## A

Abraço – Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária

Alca – Área de Livre Comércio das Américas

Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações

## C

CDHM – Comissão de Direitos Humanos e Minorias

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CLP – Comissão de Legislação Participativa

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Contag – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CUT – Central Única dos Trabalhadores

## F

Fetraf – Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar

FHC – Fernando Henrique Cardoso

## I

Incra – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos

IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados

## **M**

MMC – Movimento de Mulheres Camponesas

MPA – Ministério da Pesca e Aquicultura

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

## **P**

PDS – Partido Democrático Social

PSC – Partido Social Cristão

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PV – Partido Verde

## **S**

Sindsep – Sindicato dos Servidores Públicos Federais

## **U**

UnB – Universidade de Brasília



COMISSÕES  
EM AÇÃO EM  
COMISSÕES  
EM AÇÃO  
COMISSÕES  
EM AÇÃO  
COMISSÕES  
EM AÇÃO



Conheça outros títulos da série *Comissões em Ação*  
na página da Edições Câmara no portal da Câmara dos Deputados:  
[www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes](http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes)